

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

ANA BEATRIZ ABOU SAID

Sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura:  
notas etnográficas a partir de experiências em Brasília.

Brasília

2019

ANA BEATRIZ ABOU SAID

Sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura:  
notas etnográficas a partir de experiências em Brasília.

Trabalho de Conclusão de  
Curso para obtenção do  
diploma em Antropologia do  
Instituto de Ciências Sociais da  
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelly  
Silva.

Brasília

2019

## Agradecimentos

Agradeço a minha mãe, que sempre me apoiou nessa turbulenta trajetória.

Aos meus avós, por sempre terem incentivado os sonhos acadêmicos de sua neta.

Aos meus amigos, que sempre me ajudaram a lidar com os dilemas e frustrações acadêmicas.

Aos meus professores, que exigiram o melhor de mim e me ensinaram as ferramentas e teorias que me guiam em minha trajetória acadêmica.

## RESUMO

As Comunidades que Sustentam a Agricultura, ou CSA, associam elementos da economia solidária e da agricultura orgânica na formação de uma comunidade de membros urbanos e rurais em que os primeiros se comprometem a sustentar a produção agrícola, inclusive quando há perdas, dos últimos, que em contrapartida, devem entregar uma cesta semanal de alimentos. Mas as CSAs não se resumem apenas a esta definição e se revelam em diversos moldes que formam diferentes comunidades das quais apresento dois exemplos neste trabalho. Com base nos casos etnográficos estudados argumento que a estruturação das CSAs é afetada pelas interações entre humanos e não-humanos nos quais agentes como insetos, locais, o clima e veículos têm papel essencial na dinâmica comunitária e influenciam as estratégias da comunidade na busca pela concretização de seus objetivos: acesso a alimentos orgânicos a partir de um modelo de produção ecologicamente sustentável pautado nos princípios da economia solidária.

Palavras-chave: CSA, agricultura orgânica, economia solidária, comunidades, agricultura alternativa.

## ABSTRACT

Community Supported Agriculture, or CSA, associate elements of either solidarity economy and organic agriculture in the conformation of a community that consists of both urban and rural members, in which the former pledge to sustain the agricultural production, including when there are productive losses, of the later, who must deliver a weekly basket of food. However, CSA are not solely this description and disclose themselves into many diverse forms that generate various communities, of which I exhibit two examples in this work. Based on the ethnographic cases studied, I propose that the CSA's structure is affected by the interactions between humans and non-humans in which agents such as insects, locus, climate and vehicles have an essential role in the community's dynamics and influence the community's strategies on the search for the materialization of its objectives: access to organic produce through an ecologically sustainable production model ruled by the principles of solidarity economy.

Key-words: CSA, organic agriculture, solidarity economy, communities, alternative agriculture.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caule de Bananeira.....	12
Figura 2 - Centro de Economia Solidária, no Setor Comercial Norte Q 1. É o local das entregas das cestas da CSA Paulo Freire.....	48
Figura 3 - Coração de bananeira, a PANC mais popular em ambas as CSAs, em uma das entregas de cesta da Paulo Freire.....	53
Figura 4 - Estufa da CSA Paulo Freire, onde ficam as mudas até o horário do plantio. ....	56
Figura 5 - Capuchinha, um exemplo de PANC.....	62
Figura 6 - Pausa para o almoço durante uma das vivências da CSA Paulo Freire....	66

## LISTA DE SIGLAS

CSA	Comunidade que Sustenta a Agricultura
DF	Distrito Federal
ONG	Organização Não Governamental
PANC	Planta Alimentícia Não Convencional
SoLaWi	Solidarische Landwirtschaft
UnB	Universidade de Brasília
WWF	World Wide Fund for Nature

## Sumário

INTRODUÇÃO. COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA E OUTRAS FORMAS DE CONSUMO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA.....	6
Comunidades que Sustentam a Agricultura. Tema, metodologia e o que encontrar neste trabalho.....	6
1 GENEALOGIA DAS ORIGENS DA CSA.....	10
1.1 Agricultura Orgânica e a CSA.....	10
1.2 O Surgimento da Agricultura Orgânica.....	13
1.3 Revolução Verde. Causas deste Paradigma.....	17
2 A HISTÓRIA DAS CSAs: TEIKEI, ALEMANHA, BRASIL E BRASÍLIA.....	25
2.1 <i>Teikei</i> . A comunidade urbana busca segurança alimentar.....	26
2.2 Uma Breve Explicação sobre a Experiência Alemã. As Experimentações.....	28
2.3 As CSAs no Brasil e a sua chegada em Brasília.....	29
2.4 A emergência da CSA Chácara Bindu.....	33
2.5 O surgimento da CSA Paulo Freire.....	34
3 COMO SE ESTRUTURA UMA CSA?.....	36
3.1 A economia solidária e como isso opera nas CSAs.....	36
3.1.2 Agricultura Alternativa e Economia Solidária: Uma relação possível.....	38
3.2 Que categorias de agentes sociais constituem uma CSA?.....	40
3.2.1 Agentes não-humanos e a CSA.....	41
3.3 Que ações constituem uma CSA?.....	42
3.3.1 Arregimentar gente para a construção de uma comunidade.....	42
3.3.2. Encontrar agricultores.....	43
3.3.3 O que o encontro entre co-agricultores e agricultores nos diz.....	44
3.3.4 Como o trabalho é distribuído.....	45
3.3.5 As entregas das cestas.....	46
3.3.6 Conversas.....	51
3.3.7 Vivências.....	52
3.3.8 Comunicações virtuais.....	54
3.3.9 Reciprocidade.....	54
3.5 O que estas diferenças organizacionais nos dizem?.....	55
4 CSA, COMIDA E CONSUMO.....	57
4.1 CSA, comida e alimento.....	57
4.2 Porque optar pela CSA e não pelas hortas urbanas?.....	65
4.3 Outras motivações políticas.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73



## **INTRODUÇÃO. COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA E OUTRAS FORMAS DE CONSUMO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA.**

Qualquer que seja a data que marca o seu início, durante a maior parte de sua história a agricultura orgânica cresceu sem apoio institucional e político, para a surpresa de muitos céticos. O setor não só expande economicamente (ex.: fatias do mercado), mas também em sua importância sociocultural. SCIALABBA, In LOCKERETZ, 2007, p. ix.

Comunidades que Sustentam a Agricultura. Tema, metodologia e o que encontrar neste trabalho.

Comunidades que Sustentam a Agricultura, ou CSA, é o nome dado a um modelo de interação entre agricultor e consumidor, que envolve a comercialização de alimentos dentro dos princípios da agricultura sustentável, da agroecologia e da cultura solidária (TIBURTINO et. al., 2018). É um modelo constituinte de um contramovimento ao agronegócio, ou industrialização agrícola, reciprocamente aumentando a autonomia relativa e promovendo a coesão social (ECKERT, 2016).

Esta monografia é uma tentativa de análise etnográfica de dinâmicas que constituem o funcionamento de CSA em Brasília, com base em dois estudos de caso. Objetiva-se dar visibilidade a agentes, formas de relações sociais e valores que estruturam essas instituições, os quais ainda não receberam muita atenção na literatura sobre o tema. A monografia está estruturada em quatro capítulos.

A construção desta monografia foi realizada a partir de trabalho de campo realizado com duas CSAs em Brasília, a Paulo Freire e a Chácara Bindu. Ambas se encontram em diferentes momentos de suas trajetórias, e também se diferem quanto a sua origem, forma de operar, dinâmicas e necessidades internas. Atribuo estas divergências às suas diferentes perspectivas sobre a agricultura alternativa<sup>1</sup>. O meu

---

<sup>1</sup> Dulley (2003) apresenta cinco tipos de agricultura alternativa. São eles: agricultura orgânica, biodinâmica, natural, agroecológica e ecológica. As suas diferenças técnicas, econômicas, sociais e ambientais surgem a partir da forma como os produtores pensam a natureza. O autor aponta também para a falta de consenso entre o que define a agricultura alternativa que geralmente é classificada como a ausência de características da agricultura convencional. Considero, portanto, que o termo

período de campo ocorreu entre março e agosto de 2019, no qual participei, acompanhei e observei as atividades e dinâmicas de ambas. As duas comunidades são semelhantes por fundamentarem-se nos princípios agroecológicos de respeito a natureza, mas diferenciam-se porque são compostas por pessoas diferentes que estabelecem as suas próprias formas de convivência.

A metodologia empregada na elaboração deste trabalho final envolveu não apenas as saídas à campo, mas pesquisa bibliográfica, participação observante das entregas de cestas de ambas as CSAs e das vivências nas chácaras da CSA Paulo Freire. Também realizei entrevistas e observei as interações *online* da Rede CSA Brasília e de outras CSAs, inclusive com inscrição a *newsletter* e entrada no grupo do *WhatsApp* da CSA Paulo Freire, me permitindo acompanhar as discussões fora dos momentos de reunião do grupo.

As visitas feitas à chácara da CSA Paulo Freire foram possíveis devido a caronas oferecidas por co-agricultores. Essas visitas ocorreram nos dias de vivência e eu voltava no mesmo dia. A dificuldade em conseguir transporte público para ir e voltar foi o principal motivo disso. Esta mesma dificuldade complicou a minha participação em vivências da CSA Chácara Bindu.

As entrevistas feitas com membros da CSA Chácara Bindu foram realizadas com membros que se disponibilizaram para isso após conversas no grupo de *WhatsApp* da comunidade. Esta foi a comunidade em que senti maior dificuldade em realizar trabalho de campo o que atribuo à forma como esta comunidade se organiza, o que será melhor explorado no capítulo três.

Os desafios da observação observante que enfrentei envolvem sobretudo aquilo que eu não observava. O que era discutido, decidido e feito que diz sobre como as CSAs operam e interagem. Além disso, há informações, detalhes e

---

“agricultura alternativa” se refere a diversas práticas agrícolas que não utilizam técnicas de agricultura convencional partindo de diferentes formas de pensar e interferir na natureza. Agricultura orgânica é o nome que utilizarei para me referir às práticas das CSAs por ter sido o termo mais utilizado pelos participantes destas.

sutilezas que são controladas pelos membros das comunidades: o observador é presente, mas não onisciente e onipresente.

No primeiro capítulo, estabeleço inicialmente as conexões entre agricultura sustentável, ou alternativa<sup>2</sup>, e a CSA. Aponto como tais tentativas ou paradigmas dialogam com a chamada Revolução Verde e com a agricultura convencional para indicar quais aspectos da agricultura alternativa são mais predominantes na forma como as CSAs são constituídas. O objetivo deste capítulo é apresentar a genealogia dos movimentos que levaram a formação das CSAs.

No segundo capítulo, situo as CSAs em um conjunto de experimentos históricos que são bastante similares a elas. Destaco o *Teikei* no Japão explicando suas origens e porque não é CSA, apesar das marcantes semelhanças entre ambas as estruturas. Indico também como os movimentos da agricultura alternativa na Alemanha influenciaram o estabelecimento das CSAs em Brasília. A seguir, apresento ao leitor a história de duas CSAs cujas dinâmicas são relativamente etnografadas nesta monografia: a Chácara Bindu e a Paulo Freire.

O terceiro capítulo traz uma discussão densa dos agentes que compõem as dinâmicas das CSAs e como a estrutura da comunidade é influenciada por eles. Apresento a estrutura de uma CSA, explicando como a economia solidária opera nas CSAs, quais são as categorias de agentes que constituem uma CSA, indico categorias presentes no discurso dos interlocutores e como fatores não humanos estão presentes das dinâmicas das CSAs. Neste capítulo, detalho quais ações constituem uma CSA, desde reunir pessoas, a distribuição de tarefas dentro da comunidade, como funciona a entrega das cestas, como são as vivências e como a reciprocidade está presente nas CSA.

No quarto capítulo, exploro as relações entre a comida e a agricultura, uma vez que esse é um mobilizador político central para compreender porque as pessoas

---

<sup>2</sup> Não se trata de termos sinônimos, mas considero que se aproximam, tanto em discurso quanto em práticas, por buscarem afastamento do que se considera agricultura convencional.

se engajam nas CSAs. Também trato das mudanças alimentares observadas pelos participantes destas comunidades a partir das relações estabelecidas dentro das CSAs. Apresento ainda outras motivações que levam à escolha pela participação nas CSAs e detalho a relação de afetividade que se desenvolve entre os membros da comunidade e os alimentos cultivados e distribuídos.

Pelas minhas observações em campo, a alimentação é articuladora e articula relações de consumo e produção e significados entre os participantes da CSA. Assim como na agricultura orgânica, a confiança de quem consome é fundamental (SLIGH; CIERPKA,2007); há a necessidade de se estabelecer uma relação de confiança mútua entre os agricultores e os co-agricultores<sup>3</sup>.

Na conclusão articulo os principais resultados das pesquisas que permitiram a elaboração desta monografia. Evidencio que apenas a agricultura orgânica e a economia solidária, mesmo que estruturantes e necessários à constituição das CSAs, não são suficientes para a sua manutenção. A CSA é constituída por membros humanos e influenciada por agentes não-humanos.. As motivações que fazem com que pessoas procurem a CSA passam pelo apoio a reforma agrária, pela afetividade interna que surge e pelas novas significações dos alimentos produzidos e consumidos.

---

<sup>3</sup> É assim que a maioria dos membros que não plantam e sim financiam a produção, se identificaram.

## 1 GENEALOGIA DAS ORIGENS DA CSA

### 1.1 Agricultura Orgânica e a CSA

Os objetivos da agricultura orgânica em relação às políticas agrícolas e sociais mudou drasticamente desde o seu surgimento. Da recuperação da fertilidade do solo entre 1920 a 1930, para a manutenção da vida rural durante os anos 1950 e 1960, até a transformação em preocupação com a proteção ambiental a partir de 1980 (VOGT, 2007).

Sobretudo os movimentos relacionados a agricultura alternativa buscam soluções para os problemas da agricultura convencional, como é o caso do abuso de insumos agrícolas, da dissipação do conhecimento tradicional<sup>4</sup> e a deterioração da base social produtora de alimentos (ASSIS et. al., 2002).

É na década de 1970 e 1980 que, não apenas a preocupação com o meio ambiente toma a forma de um problema social, mas também surge a preocupação com o *fair trade* e a justiça das trocas. Anteriormente a este período, o comércio de orgânicos do Sul para o Norte não era significativo, mas a nova configuração do setor levou a preocupação de que a produção orgânica no Sul servisse às demandas do Norte, ignorando as demandas locais.

Foi preciso convencer produtores e consumidores de alimentos orgânicos que a justiça social é parte integral da produção e do processamento orgânico (SLIGH; CIERPKA, 2007). A iniciativa se deu por parte dos membros do movimento *fair trade*<sup>5</sup>.

---

4 Buainain (2006) esclarece que uma das preocupações da agroecologia para o desenvolvimento das bases teóricas e metodológicas da agricultura sustentável é a integração do conhecimento científico e do conhecimento local de forma que considere todos os diferentes elementos do ecossistema local.

5 Em meu entendimento, o objetivo principal deste movimento é a valorização da cadeia produtiva, sobretudo a que é constituída por uma parcela da população às margens da economia tradicional, o que seria possível por meio da garantia dos direitos trabalhistas, de pagamento ao produtor que não cubra apenas os custos produtivos, mas que também gere benefícios para a comunidade em que

A CSA é parte dos movimentos de resposta a agricultura convencional porque produz e comercializa alimentos em acordo com os princípios da agricultura sustentável<sup>6</sup> e da agroecologia<sup>7</sup> (TIBURTINO et. al., 2018), especialmente porque o foco é em otimizar e não em maximizar os recursos disponíveis (PENEIREIRO, 2002).

Nas duas CSAs que me acolheram em campo, a sustentabilidade<sup>8</sup> de suas práticas produtivas, seu modelo de consumo e qualidade do alimento cultivado é uma preocupação em comum. Organizam-se de maneiras diferentes e partilham os objetivos de promover os valores da agricultura alternativa guiando-se pelo sentido da justiça econômica.

Na CSA Chácara Bindu, seu funcionamento e suas ideias são centrados na antroposofia. Ximena, agricultora que coordena a produção da comunidade, me falou que o início da CSA partiu do envolvimento dela e do seu companheiro com a medicina holística em suas profissões. Nesta CSA há toda uma rede de relações que inclui: fornecedores de produtos não incluídos na cesta<sup>9</sup>, estudantes, como os estagiários na chácara e de alunos pesquisadores<sup>10</sup>. A trajetória dos agricultores desta CSA envolve a migração de um meio urbano o rural. Neste novo ambiente

---

este produtor está inserido.

6 Ou seja, da viabilidade econômica e ambiental do modo de cultivo que são os próprios fundamentos da agricultura sustentável.

7 Que combina teorias e práticas ecológicas na construção de um modelo agrícola

8 Definida por Peneireiro (2002), a partir de uma conversa da autora com Ernst Götsch, como algo atingido “quando a soma das atividades resulta em um superávit de balanço energético, de vida e de recursos naturais” (p. 01).

9 Observei em campo que é comum que as CSAs forneçam alimentos como frutas e verduras. Outros alimentos como queijos, doces e geleias, mel, ovos e cogumelos, geralmente são obtidos por compras externas, ou trocas com outros produtores, ou então como parte do excedente produzido. Por exemplo, fazer doce de caju porque o agricultor tinha mais caju do que o que iria na cesta.

10 Especialmente estagiários e pesquisadores. A maioria dos estagiários eram estudantes do Instituto Federal Brasília. Conheci uma estudante de jornalismo fazendo uma reportagem na CSA Paulo Freire; uma pesquisadora francesa da área de ciências agrárias na CSA Chácara Bindu; um grupo de pesquisadores australianos filmando as atividades na CSA Paulo Freire como parte de um documentário e um estudante de agroecologia na CSA Chácara Bindu que era ex-estagiário. Em nenhuma das referências que encontrei sobre CSA, a presença de estudantes e outros pesquisadores foi sequer mencionada por motivos desconhecidos por mim.

Está é a única CSA de Brasília na qual eu soube sobre a presença de estagiários nas chácaras. Marília, estagiária, me disse que esta era uma das poucas oportunidades de estágio para mulheres no curso de agroecologia. A maioria dos locais prefere contratar homens para realizar o trabalho pesado que utilizaria essencialmente a força muscular.

estabeleceram novas relações com a urbanidade a partir de uma outra ruralidade<sup>11</sup>. Estas relações seriam carregadas de sentido holístico e de “bruxarias que tornam a terra fértil”, me disse Ximena sobre uma das oficinas de antroposofia que ajudou a promover.

Figura 1 - Caule de Bananeira



A antroposofia norteando as dinâmicas produtivas e agricultores não é o que eu observei na CSA Paulo Freire. Segundo Tânia, agricultora dessa CSA, a chácara é resultado da articulação do MST contra uma antiga área de monocultura de eucalipto. Além disso, por muito tempo plantaram sem conseguir escoar a produção. A mudança veio quando a ONG WWF, por meio de Vinícius<sup>12</sup> que entrou em contato com os assentados. Este foi o acontecimento que levou ela e os outros agricultores da região ao contato com a agroecologia e com os projetos e planos agroecológicos para a região. A adoção de técnicas agroecológicas pelos agricultores permitiu uma

---

11 Entendida por Follador (2004) como um tipo de sociabilidade que é parte do universo rural e é diverso dos modos de vida urbano.

12 Uma figura bem conhecida dentro da CSA, mas a quem eu vi poucas vezes.

maior estabilidade produtiva<sup>13</sup>, o que também diversifica o consumo e diminui os riscos desse modo produtivo (RODRIGUES et. al., 2008).

Mas é um engano pensar que apenas sob um dos modelos a produção é diversa. Em ambas as CSAs são produzidas as chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANCs), que são alimentos incomuns ou que não se encontram em supermercados. A produção é incentivada pelos co-agricultores. Presenciei muitas trocas de receitas e de modos de preparo e também o entusiasmo e o estranhamento com a oferta destes alimentos em suas cestas.

A alimentação saudável dos agricultores e co-agricultores é igualmente importante, para que estivessem em equilíbrio com as ideias estruturantes das estruturas de ambas as CSAs. O elo inseparável entre a agricultura alternativa e as CSA está em um paradigma agrícola benéfico e equilibrado para o meio ambiente, para os agricultores, e para os co-agricultores.

## 1.2 O Surgimento da Agricultura Orgânica.

As vertentes da agricultura orgânica cresceram a partir da década de 1960 junto aos movimentos sociais da época. Este crescimento deveu-se especialmente pela rejeição de aditivos químicos e por não se associar a governos rígidos e aos militares. Transformou-se em uma prática agrícola respeitável e com reconhecimento científico, estabelecendo a sua legitimidade social como paradigma da agricultura (LOCKERETZ, 2007).

Os princípios da agricultura orgânica são opostos aos da industrialização: é importante que trabalhadores rurais recebam de forma justa e tenham acesso ao que produzem, os consumidores tenham acesso a comida saudável a preços acessíveis (SLIGH; CIERPKA, 2007).

---

<sup>13</sup> A diversificação e complexidade dos cultivos agroecológicos contribui para a estabilidade dos sistemas e os torna menos vulneráveis a perdas (ALTIERI, 2010).



A agricultura orgânica desenvolveu-se de forma quase independente em países falantes das línguas germânicas e do inglês no início do século XX. As suas origens precisam ser compreendidas em um contexto de quatro desenvolvimentos simultâneos: (i) uma crise na agricultura e nas ciências agrícolas; (ii) a emergência de uma ciência agrícola biologicamente orientada; (iii) os movimentos de Vida e Reforma Alimentar; e (iv) crescente consciência do Ocidente sobre as culturas agrícolas do Extremo Oriente<sup>14</sup>. VOGT, In LOCKERETZ, 2007, p. 10. Tradução própria.

Além do cenário apresentado por Vogt, a crise observada nas ciências agrárias deriva das soluções oferecidas pela Revolução Verde e pelas suas consequências: problemas com o solo foram vivenciados entre as Duas Grandes Guerras<sup>15</sup> e o uso de pesticidas e herbicidas afetaram os solos, as sementes e a qualidade dos alimentos. Surgiram doenças ligadas a essa afetação. A mecanização do campo causou desequilíbrio entre campo e cidade e foi observado o declínio das tradições agrícolas e do estilo de vida rural. Práticas agrícolas como a compostagem, a fertilização orgânica, o manejo verde e a rotação de culturas surgiram a partir das descobertas das comunidades de organismos vivos nos solos e das suas relações mútuas estabelecidas com as plantas e com o solo.

Os movimentos de vida e reforma alimentar surgiram nos EUA e na Alemanha especialmente preocupados com a adoção de uma alimentação vegetariana, mas não necessariamente com a sua qualidade (VOGT, 2007). Na Alemanha surgiram dois conceitos de agricultura orgânica: o *Land Reform*<sup>16</sup> e a antroposofia biodinâmica<sup>17</sup> ainda na década de 1920.

Nos EUA, as raízes da agricultura orgânica são encontradas nos trabalhos dos Howard e de Robert McCarrison, da erosão do solo nos EUA que ficou conhecida como *Dust Bowl* em 1930 e pela romantização da vida no campo pelo

14 Que o autor ao longo do texto contextualiza não ser o fator mais influente, mas foi o que permitiu a apresentação de modelos de sociedades sustentáveis baseadas em jardinagem e fazendas.

15 A agricultura alternativa rejeita os métodos industrializados da agricultura convencional, mas ambas compartilham a mesma preocupação com a queda da fertilidade do solo. A rejeição dos aditivos químicos permitiu que a agricultura alternativa se torna um campo de experimentação das possíveis alternativas (NIGGLI, 2007). Aponto que, no entanto, não há clareza sobre qual é a localidade dos problemas com o solo abordados por Vogt, mas que pela contextualização, presumo que tenham sido vivenciados em países do centro europeu.

16 Dentre os dois movimentos alemães, este foi o que fez uma abordagem mais científica de uma agricultura natural, utilizando o manejo verde, a compostagem de resíduos vegetais e a reposição mineral com o uso de pedras em pó para recuperar a fertilidade do solo (VOGT, 2007)

17 Marcada pelos guias de Rudolf Steiner (1861-1925), a antroposofia biodinâmica fundamenta-se na perspectiva de que o mundo existe em quatro matrizes: física, etérea, astral e ergo, que compõem os organismos que, dotados de individualidade, como seriam as fazendas, e, ao encontrarem um estado de equilíbrio, poderiam se reproduzir sem auxílios externos, pois o equilíbrio significa que há um organismo fechado, logo, capaz de atingir altos níveis de fertilidade (VOGT, 2007).

movimento urbano *American Food Reform* das décadas de 1940 e 1950 que, em semelhança ao movimento alemão, sugeria reforma alimentar vegetariana e incentivava o retorno a terra e a prática de jardinagem orgânica (VOGT, 2007).

Tratando da ciência como um dos validadores positivos da agricultura alternativa frente às estruturas sociais existentes, encontramos dois momentos fundamentais: o primeiro é o estudo realizado em 1980 pela *US Department of Agriculture*. Este documento foi responsável por apontar a agricultura orgânica como resposta às preocupações crescentes com a falta de energia, com a perda de produtividade do solo e sua erosão, e com a presença de resíduos químicos em alimentos e a contaminação do ambiente (LOCKERETZ, 2007).

Outro momento crucial é o surgimento da agroecologia na década de 1970. É uma ciência definida pela aplicação de conceitos e princípios ecológicos no manejo de agroecossistemas sustentáveis a partir da valorização da complexidade destes (ALTIERI, 2010). O intuito desta ciência é de responder as críticas de que a agricultura alternativa levaria a um retrocesso produtivo (ASSIS et. al., 2002).

A agricultura orgânica se propõe a eliminar o contato de agricultores e trabalhadores do campo com substâncias tóxicas, a solucionar de forma prática as commodities baratas, de ser ecologicamente viável e de dignificar o trabalhador rural (SLIGH; CIERPKA, 2007). Funciona no sentido de resgatar as técnicas, as práticas<sup>18</sup> e a biodiversidade preservada por populações indígenas (SLIGH; CIERPKA, 2007) e pelo campesinato<sup>19</sup>. São estes os grupos que preservaram sementes e as transmitiram por gerações (ALTIERI, 2010), uma tarefa, sobretudo, feminina (FOLLADOR, 2004).

A presença e a atuação de mulheres nos movimentos de agricultura alternativa e de preservação do meio ambiente é cada vez mais marcante dos pontos de vista local e internacional (BARCELLOS, 2012). A presença delas é observada a partir das violações aos direitos coletivos ao meio ambiente por parte de entidades dedicadas às monoculturas e ao agronegócio. As mulheres se apropriam das identidades de gênero como forma de sensibilizar outros grupos

---

18 Altieri (2010) destaca a criatividade das técnicas indígenas, como campos elevados, terraços, policulturas, sistemas agroflorestais, etc., que são agroecossistemas produtivos e sustentáveis que podem ser otimizadas com técnicas agroecológicas, o que as tornaria capazes de formar a base da soberania alimentar.

19 Dois grupos que apresentam ao consumidor urbano alimentos geneticamente heterogêneos e variedades locais, preservadas contra o avanço de cultivos mais lucrativos.

sociais para os problemas que surgem devido a industrialização da agricultura (BARCELLOS, 2012). Em campo, observei que a atuação feminina de co-agricultoras, das agricultoras e também de pesquisadoras é fundamental para que as relações dentro das CSAs surjam e se estabeleçam.

A atuação feminina junto ao movimento de formação das CSAs é ligada a certas dinâmicas familiares de gênero como a preocupação com a alimentação saudável de seus parentes. Não é incomum que algumas co-agricultoras tenham convencido familiares e amigos a se juntarem às suas comunidades. Também se preocupam com o meio ambiente em relação às condições de vida futuras, o que interpretei com uma preocupação com outra geração, especialmente na figura de filhos delas ou de outros. Mesmo quando não havia motivações por laços de afetividade, muitas falavam sobre uma responsabilidade com o outro, que poderia ser o campesinato ou com a natureza.

Considero que os principais rostos das comunidades nas CSAs Paulo Freire e Chácara Bindu são as agricultoras Tânia e Ximena, respectivamente. Atribuo a elas este papel central porque observei que eram para elas há um trabalho duplo dentro da comunidade. Como agricultoras, realizam o trabalho do cultivo, do preparo e da entrega. Como mulheres, seu trabalho de gênero envolve articular e fomentar as relações afetivas entre os membros da comunidade. Ambas têm mais de quarenta anos e são mães, mas suas semelhanças acabam aí. Tânia veio para Brasília e se juntou ao MST, conheceu o Silvano, seu companheiro e o segundo agricultor da CSA Paulo Freire, e com as práticas da agroecologia. Ximena migrou do Chile para o Brasil e atuou como veterinária antes de decidir se tornar agricultora a partir do contato do companheiro, que é médico, com a antroposofia.

A divisão do trabalho por gênero torna a participação masculina a face da CSA em momentos específicos, como de gestão financeira e com trabalhos mais fisicamente desgastantes, como o arado da terra e o equipamento agrícola mais pesado. A CSA Paulo Freire possui comissões de organização interna, de comunicação, convivência e financeiro, formada majoritariamente pelas co-agricultoras, e a Chácara Bindu geralmente dá oportunidades de estágio a mulheres

e a Ximena é ativa na promoção da antroposofia, sendo figura conhecida entre associados à Rede Brasília<sup>20</sup>.

### 1.3 Revolução Verde. Causas deste Paradigma.

O final da 2ª Grande Guerra (1939-1945) e a necessidade de expansão da indústria química é um evento de grande importância para o entendimento da Revolução Verde, que pode ser entendida ou como a industrialização da agricultura ou como a expansão do capitalismo para o campo (ANDRADES, 2007).

Mas os esforços para a expansão do capitalismo para a agricultura<sup>21</sup> são anteriores ao conflito<sup>22</sup>: no século XIX, o químico Justus Von Liebig (1803-1873) comprovou que era possível aumentar a produtividade do solo com o uso de fertilizantes químicos em uma época de preocupação com a queda da produtividade física do solo (ALBERGONI et. al., 2007). Outro esforço da época foi com o

---

20 Já havia concluído o meu período de trabalho em campo quando fui convidada por Ana e Leandra, pesquisadoras ligadas a Rede CSA Brasília para participar da organização de um grupo de estudos sobre a CSA. A Ximena foi muito citada sobre sua atuação dentro da rede, sendo conhecida pelos pesquisadores envolvidos. Em outra ocasião, ao conversar com a Tânia sobre uma entrevista que fizeram, ela me informou do interesse em participar de um evento sobre antroposofia e agricultura alternativa que é, coincidentemente, organizado pela Ximena.

21 Aqui entendo agricultura sob os conceitos de Peneireiro (2002, p. 1), que apresenta a definição de agricultura como um conjunto de fatores (econômicos, culturais, ecológicos, etc.) que formam um paradigma norteador do modo como se produz; e de Aquino et. al. (2007) que definem agricultura como “resultado da coevolução de sistemas naturais e sociais”(p. 138).

22 Outro exemplo de anterioridade está no esforço colonial por direcionar técnicas, sistemas e conhecimentos nativos para o que é lucrativo para a metrópole: Geertz (1963) registrou o incentivo dado a predominância do sistema de cultivo *sawah* – uma forma de cultivo de “arroz molhado” em terraços. Trata-se de um monocultivo a céu aberto que é largamente dependente de minerais dissolvidos na água manejada constantemente pelo trabalho humano e de um equilíbrio ambiental e social estável – na Ilha de Java, durante o período da dominação holandesa (Geertz, 1963, p. 28-37). O incentivo a esta e não a outras formas de agricultura javanesa da época se daria, segundo o autor, por ser o mais receptivo para as monoculturas lucrativas do período e por melhor adaptável aos interesses e relações mercantilistas. Mesmo que o governo holandês pretendesse intervir o mínimo possível nas relações sociais de Java, privilegiou um sistema melhor adaptável a seus interesses econômicos, o que pode ser colocado em paralelo com as propagandas de indústrias interessadas em expandir seus negócios para a agricultura (Geertz, 1963, p. 47-52). Embora não industrializante, a padronização das formas de cultivo é de suma importância para entender a forma como a industrialização do campo se disseminou.

desenvolvimento de sementes híbridas e de plantas resistentes<sup>23</sup>. Solucionar os problemas do campo passava pelo conhecimento científico e pelo industrialismo<sup>24</sup>.

As bases técnicas da Revolução Verde estão não apenas na introdução de sementes modificadas antes do fim da 2ª Grande Guerra. Houve incentivo por parte da indústria química para o uso de agrotóxicos que objetivavam eliminar o que não fosse desejável para a lucratividade da produção agrícola e introdução de máquinas nas mais diversas etapas do ciclo produtivo para que fossem otimizadas (ANDRADES et. al., 2007).

Mesmo que as transformações que levariam ao estabelecimento da Revolução Verde sejam anteriores à década de 1950, é a partir da década seguinte que o processo se intensificou e se difundiu para os países do Sul. A Revolução Verde pode ser entendida por três sentidos diversos; como um processo de difusão de tecnologias agrícolas para aumento da produção (OCTAVIANO, 2010), ou um paradigma tecnológico baseado em insumos químicos (ALBERGONI et. al., 2007), e até mesmo como a modernização dos sistemas de produção agrícola no sentido de universalização das técnicas produtivas marcando uma maior homogeneização do processo de produção agrícola<sup>25</sup> (MATOS, 2010).

Os estudos sobre sementes melhoradas a partir da hibridização na década de 1930 não foram coincidentes; durante a década ocorreram crises econômicas relacionadas a excedentes agrícolas, como foi o caso da Crise do Café no Brasil, por exemplo, o que levou ao esforço de economistas em defender a diminuição da produção agrícola, e também surgiram estudos sobre a desnutrição acompanhados

---

23 Este é o caso do milho híbrido em 1914 e também de outros melhoramentos como a beterraba e o tomate na década de 1930 (ALBERGONI et. al, 2007).

24 Em Giddens (1991) e em sua esquematização e definição do que constitui a modernidade, é possível entender o porquê do conhecimento científico e do industrialismo serem centrais nesse processo: a Revolução Verde ocorreu dentro da modernidade, o que só a tornaria plausível em uma perspectiva sociológica, se dialogasse com os paradigmas modernos, o que significa privilegiar o conhecimento institucionalizado que não depende do reconhecimento do técnico que o realiza, mas sim das regras que o esquematizam; e também centralizar o maquinário na estrutura produtiva, o que é uma das características mais marcantes e fundamentais da Revolução Verde.

25 É nesta padronização do processo de produção agrícola que faço uma associação com a expansão colonial europeia, porque ambos, apesar dos diferentes momentos históricos, são movimentos padronizantes de determinados aspectos da vida social.

por apelos de cientistas para a necessidade de aumentar as disponibilidades alimentares.

Não há como desconsiderar o caráter industrialista da modernidade (GIDDENS, 1991) e que a agricultura industrializada se baseia em uma relação de dominação da natureza obtida com o uso de três ferramentas: a tecnologia, o trabalho barato e a externalização dos custos (GEIER et. al., 2007). Não apenas seu caráter industrialista é notável, mas seu surgimento é associado à busca por uma solução que ofereça diminuição dos custos de produção e combate à fome é perfeitamente razoável do ponto de vista dos agentes envolvidos com a produção agrícola sob este paradigma.

Acabar com a fome faz parte do contexto de disputa ideológica do período da Guerra Fria<sup>26</sup>, contexto macro da construção das bases econômicas, políticas e sociais da industrialização da agricultura; acabar com a fome só seria possível se as técnicas da Revolução Verde fossem adotadas por todos os países que fizessem parte do Bloco Capitalista (ANDRADES et. al., 2007), afirmava a sugestão do momento. Essa foi uma das grandes motivações ideológicas dos incentivos à Revolução Verde no Brasil: acabar com o problema temporário da fome<sup>27</sup> (FREITAS, 2003; ANDRADES et. al., 2007).

E a Revolução Verde chegou ao Brasil na década de 1960 no período da Ditadura Militar (1964-1985), momento politicamente vantajoso para apagar as origens históricas da fome e tratá-la como uma situação emergencial a ser combatida (FREITAS, 2003). O Estado foi fundamental na industrialização da agricultura nacional através de suas políticas e práticas<sup>28</sup> – especialmente as que favoreciam monoculturas como soja, milho, algodão, arroz e mais recentemente a cana-de-açúcar – afetando especialmente as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste,

---

26 A desnutrição e a fome tornaram-se problemas sociais no século XX, sendo uma preocupação anteriormente abafada por defensores de teorias de cunho essencialmente individualista no que se tratava da pobreza e da fome (FREITAS, 2003).

27 Silva (2014), ao revisar o que Freyre escreveu sobre a alimentação no período colonial demonstra como o autor busca demonstrar que a deficiência alimentar do período foi causada pela predominância de monoculturas e de latifúndios que beneficiavam diretamente a elite ao mesmo tempo em que o autor aponta para outra narrativa sobre a fome indicativa de um problema já existente, recusando a ideia de que tratava-se de uma emergência.

28 Como o treinamento de professores de agricultura no exterior, a criação de serviços rurais que levassem as tecnologias até os produtores e as políticas públicas de subsídios para a aquisição de insumos como agrotóxicos e adubos (OCTAVIANO, 2010).

coincidindo com um período de reconfiguração das fronteiras destas regiões, e, conseqüentemente, de seus espaços<sup>29</sup> (ANDRADES et. al., 2007).

Estes fatores que resultaram no processo de industrialização da agricultura não são estruturas que mudam as relações sociais porque estas relações seriam passivas. Há muito mais envolvido nestas mudanças: Geertz (1963) já indicava que as mudanças produtivas também interagem com a agência de indivíduos que faziam parte das comunidades afetadas por essas mudanças. Como Parpet (2016) apresentou, há diferenças entre “camponês” e “agricultor” que não são só discurso, mas parte de práticas, de relações sociais e de papéis sociais, inclusive relacionados à forma como a agricultura é pensada e feita. As transformações da pós-guerra partem de uma nova percepção da atividade agrícola que colaboraram para as novas estruturas que surgiram.

Dado que essas transformações se deram em meio aos paradigmas da modernidade, é importante salientar que o desenvolvimento da modernidade tornou indissociável a relação entre sociedade de consumo e a produção capitalista. O consumismo seria, segundo Douglas (1998), justamente o desejo das pessoas de se libertarem das regras locais de consumo, o que a autora afirma que inicialmente o consumismo se apresentaria como uma liberação de regras e de padrões locais, como uma forma de rebelião consciente contra o despotismo comunitário.

Aponto essa perspectiva de Douglas sobre o consumo para indicar outra interpretação possível para a modernização do campo proposta pela Revolução Verde, que é a de desejo por mudanças nas relações sociais anteriores, que surge implicada na crença de que o campo é o local do “atraso”, e a cidade do “moderno”. As transformações modernizadoras exemplificadas por Parpet (2016) partem da construção de ruralidades baseadas no campo como lugar negativo em relação ao que é urbano e, portanto, moderno (FOLLADOR, 2004).

---

29 Giddens (1991) defende que as relações sociais não ocorrem no vácuo, elas estão dentro de espaços e mudanças nestes não são alheias às relações sociais; o local pode designar o que está em cena, mas o controle sobre o tempo, como ocorreu com o uso do relógio e a invenção de um calendário único, especificando anteriormente quais as relações sociais e ambientais que podem ocorrer naquele local, por exemplo é a designação entre espaço de produção x ambiente doméstico.

O aumento produtivo alcançado com a adoção do paradigma da agricultura industrializada não invisibilizou as consequências da mesma: danos severos ao ambiente como perda de biodiversidade e do conhecimento tradicional associado, aumento da dependência de insumos químicos, além de aumento do endividamento dos agricultores pobres e favorecimento dos ricos (ALTIERI, 2010).

A escolha pelo economicamente mais viável<sup>30</sup> acentuou a extinção de certas espécies e tornou mais recorrente o aparecimento de pragas que preferem essas escolhas (ANDRADES et. al., 2007); o uso intensivo de agrotóxicos envenena o meio ambiente (ANDRADES et. al., 2007) e a preferência por sementes híbridas resistentes a herbicidas<sup>31</sup> é indicativa da centralidade que o uso de produtos químicos tem para o paradigma da agricultura industrializada.

Outros impactos ambientais se devem ao controle sobre o uso da água devido às técnicas de irrigação; o que é observado em outros modelos agrícolas como faz Geertz (1968) que, ao tipificar o cultivo *sawah*, especifica o quão fundamental é o controle e o suprimento de água, prática que demanda um saber técnico complexo e trabalho constante. É necessário mobilizar recursos sociais muitas vezes reforçando certas dinâmicas sociais e modificando os sentidos destas relações que anteriormente existiam<sup>32</sup>; o autor explica que isso ocorre porque as mudanças nas formas de cultivo não se dão apenas pelo padrão de uso da terra ou então pelas técnicas e tecnologias agrícolas, mas sim por todo o sistema de funcionalidade inter-relacionado.

As relações anteriores à adoção deste paradigma da agricultura industrializada foram e ainda são afetadas: conflitos por terra no Brasil encontram

---

30 Parafraseando M. Sligh e T. Cierpka (2007); a agricultura industrial baseia-se em vencer a natureza para que não se esteja limitado a ela e as estratégias utilizadas baseiam-se em tecnologia, trabalho barato e externalização dos custos.

31 Albergoni et. al. (2007) diferenciam dois tipos de sementes criadas a partir da manipulação genética: a resistente a herbicidas e a resistente a insetos; o primeiro tipo é muito mais comum do que o segundo, o que, na visão dos autores, indica que a biotecnologia surgiu como tecnologia complementar às técnicas da indústria química.

32 É o que Geertz chama de *cultural core* para se referir a todas as práticas e ideias institucionais que as instituições mais lutam para manter relevantes dentro do cenário social.



reconhecimento internacional nas ações do MST que defende as reformas no campo em oposição a grileiros e latifundiários<sup>33</sup>.

A Revolução Verde beneficiou as monoculturas latifundiárias, acentuando as desigualdades que existiam no campo e mantendo a concentração de lucro e de terras (ANDRADES et. al., 2007). Mesmo que tenha oferecido dinamismo estrutural à agricultura brasileira, foi excludente, concentrou riquezas e disparidades regionais no país e causou desequilíbrios ecológicos (ASSIS et. al., 2002).

Os problemas causados pelo paradigma da agricultura industrializada passaram a ser divulgados na década de 1960, na mesma época em que se expandia para os países do Sul. O lançamento de *Silent Spring* escrito por Rachel Carson na década, foi responsável por chamar a atenção de um grande público para os riscos que o uso de pesticidas apresentam para a vida marinha, o que serviu de estopim para o surgimento de um movimento global contra o uso de agrotóxicos (SLIGH; CIERPKA, 2007). Mas este, embora marcante para a agricultura alternativa, não foi o início dos movimentos de reação à agricultura industrializada e suas consequências. Alguns destes movimentos são anteriores a este período.

Os precedentes do Movimento Cinturão Verde<sup>34</sup>, exemplo de movimento contra os avanços modernos sobre o campo, remontam à Revolta Mau Mau (1952-1960) no Quênia, coincidentemente na mesma época em que as técnicas da agricultura industrializada se disseminavam nos países do Sul. A fundadora do movimento, Maathai Wangari (1940-2011) defendia uma educação holística – ou seja, que considerasse os elementos ambientais e sociais como inter-relacionados, e não como esferas separadas – que explicasse a conexão entre meio ambiente e problemas sociais, diretamente chamando a atenção para aqueles que são frequentemente excluídos da educação formal, como mulheres das populações

---

33 A propriedade agrícola onde os alimentos da CSA Paulo Freire são cultivados é resultado da ocupação daquelas terras por membros do movimento, me explicaram a Tânia e o Silvano. Anteriormente o local era dedicado a monocultura de eucalipto, o que Herbert, co-agricultor da CSA, me disse ser “um verdadeiro deserto verde”.

34 Que encoraja mulheres a plantarem árvores para combater o desflorestamento no norte do continente Africano.

rurais<sup>35</sup> – mulheres de países periféricos costumam ser as mais afetadas pelas condições do meio ambiente (BARCELLOS, 2012).

Outros exemplos de reações são a criação da *Kiriri Women's University of Science and Technology* em 2002 no Quênia; na Ásia: Movimento Chipko em Garhwal no estado de Uttar Pradesh nos Himalaias indianos; a criação da ONG Adithi no Bihar que incluem demandas de mulheres pescadoras, trabalhadoras da floresta, trabalhadoras rurais, da indústria de laticínios, artesãs caseiras e vendedoras ambulantes (BARCELLOS, 2012).

Estes exemplos demonstram como distintas formas de reação ao paradigma da Revolução Verde se organizaram ao longo do último século em sentidos que questionam as bases organizadoras do paradigma enquanto oferecem soluções materiais para as preocupações que motivaram a saída industrializante, sendo que estas soluções partem de relações sociais que se apoiam em outros entendimentos sobre a relação entre humano e natureza que não passam pela exploração moderna. Sem estes movimentos, é difícil imaginar como o próprio conceito de CSA se estruturaria, por partir de entendimentos semelhantes aos que organizaram e motivaram todas as formas de questionamento anterior a existência das CSAs.

Realizo uma associação *a posteriori* sobre o surgimento das CSAs. Considero ser um movimento e uma forma de organização do ciclo de produção e consumo que parte de um modelo de cultivo orgânico de alimentos como eixo material da produção agrícola. O movimento igualmente me parece inspirado também pelos movimentos de *back to the land*, pela preocupação em, por meio das vivências, trazer a parte urbana da comunidade para as terras produtoras e para o contato com a vida rural.

Nos estudos antropológicos sobre o surgimento das CSAs, são poucas as informações que sugerem como a forma dos movimentos agrícolas de meados do século XX deram origem às diversas configurações atuais da agricultura alternativa, como é o caso das CSAs. A história do movimento da agricultura alternativa está

---

35 UNESCO *Series on Women in African History. Wangari and The Green Belt Movement* (2015). Um dos problemas que antecederam ao movimento foram as chamadas *Land-grabbing*, ou seja, transações, muitas vezes secretas, que negociavam terras públicas para empresas estrangeiras ou pessoas das elites, com graves consequências para a população local como a tomada de terras, a expulsão de pessoas locais, a falta de comida, a degradação ambiental e o desaparecimento de modelos de agricultura local e de espaços públicos. Articulações bem sucedidas contra esse tipo de ação são o Parque Uhuru em Nairobi (1989) e a floresta Karura (1998) e estão no volume da UNESCO.

intimamente ligada a uma preocupação com a sustentabilidade dos modos de vida tradicionais do campo, característica em comum com a antroposofia e movimentos como *back to the land*, por exemplo, o que levou a diversas experimentações de produção, de estruturas e envolveu diversos agentes, como o campesinato, o Estado, as comunidades urbanas e até mesmo microrganismos do solo.

A história da agricultura alternativa também envolve outras questões além da produção agrícola. Sendo alternativa, nem sempre as redes tradicionais de distribuição de alimento são favoráveis, ou mesmo fazem algum sentido para os valores defendidos pelos diversos movimentos que fazem e fizeram parte desta história, conduzindo à valorização do consumo local e do crescimento do movimento *fair trade* nas últimas décadas. Como parte mais recente desta história, sugiro que o formato da CSA tenha surgido justamente pela articulação de pilares marcantes da agricultura alternativa: a produção orgânica, a valorização do consumo local e o movimento *fair trade* na agricultura.

## 2 A HISTÓRIA DAS CSAs: TEIKEI, ALEMANHA, BRASIL E BRASÍLIA

Em paralelo ao reconhecimento da degradação ambiental provocada pela alta exploração do solo, da água, da vegetação e dos animais orientada a finalidades lucrativas, emergiram consequências sociais expressadas nas relações de trabalho no campo, no acesso ao alimento e na qualidade de nutrição. Tecnologia e capital substituíram trabalhadores gerando desemprego, reduziram a permanência de pequenos produtores agrícolas e concentraram a produção em fazendas maiores fundamentada no uso de insumos químicos (fertilizantes, pesticidas e herbicidas). TORRES, 2017, p. 26.

Entendo que as CSAs são formadas a partir da associação entre os princípios da economia solidária e da agricultura alternativa e que foi durante os movimentos da agroecologia na década de 1970 que estes conceitos começaram a se formar. Mesmo que a preocupação com a segurança alimentar e com a sustentabilidade ambiental e social da agricultura fosse anterior (LOCKERETZ, 2013), as articulações que resultariam na formação das CSAs são mais evidentes a partir desta década.

Mas é importante ressaltar que os conceitos anteriores que resultaram nos pilares funcionais e ideológicos das CSAs não surgiram sem intencionalidade histórica e sem motivação social. É importante entender essas trajetórias para entender o porquê das CSAs serem do jeito que são, pois mesmo que as trajetórias não sejam determinantes, elas falam muito sobre as motivações para que as CSAs surgissem.

Considerando essa importância, resolvi destacar o movimento *Teikei* no Japão, a antroposofia na Alemanha e o desenvolvimento das CSAs no Brasil e em Brasília. Esta escolha é assim orientada porque tanto o *Teikei* quanto a antroposofia alemã, dois movimentos da agricultura alternativa do século XX, são os que mais se aproximam do modelo contemporâneo de CSA. Ambos partem da formação de uma ligação entre comunidades agrícolas e urbanas, formando a sua própria comunidade.

Ximena apontou para mim como *Teikei* e CSA não são estruturas e conceitos recíprocos, apesar da literatura que até então eu havia consultado, sugerir o contrário. Além disso, a literatura sobre a agricultura orgânica sobre a antroposofia alemã apontam para o seu surgimento como uma defesa de uma abordagem não industrializada e otimizada da produção agrícola. Esta defesa é fundamental para o estabelecimento da agricultura alternativa mesmo que não tenha sido a única forma como esta abordagem não otimizada foi utilizada pelos movimentos da agricultura alternativa.

## 2.1 *Teikei*. A comunidade urbana busca segurança alimentar.

O desastre de Minamata, ocorrido na Baía de Minamata no Japão em 1953, foi ocasionado pelo despejo de metilmercúrio no resíduo industrial eliminado no ambiente, o que contaminou a biota marinha e as águas vizinhas, e acabou por contaminar pessoas devido ao consumo de peixes e frutos do mar (MICARONI et. al., 2000). A contaminação de gêneros alimentícios levou a organização de grupos coordenados por mulheres que buscavam comercializar diretamente com os produtores; elas exigiam destes que a produção agrícola fosse orgânica e assim fora estabelecido um sistema de trocas (TIBURTINO et. al., 2018) mas que não reivindicaria teorias da economia associativa (FERREIRA NETO et. al., 2015).

O relatório “*Teikei system, the producer-consumer co-partnership and The Movement of the Japan Organic Agriculture Association*”, de 2010 apresenta um infográfico que divide o *Teikei* em áreas de atividade (produtor e consumidor), atividades diárias (produção, distribuição, divisão e dieta), em ideias principais (criação de alternativas únicas e de sistemas alternativos de distribuição, reformas na divisão dos pontos de distribuição e reforma da alimentação) que atuam para

alcançar o objetivo final do movimento: a concretização de uma sociedade na qual a vida é fortemente respeitada.

O mesmo relatório chama a atenção para duas questões: a importância da presença feminina no *Teikei*, inclusive a inserção da mulher no mercado de trabalho e em outras relações sociais é apontada no relatório como um dos desafios para a continuidade do *Teikei*. Estando inserida em outras dinâmicas, seu papel de gênero em outras relações familiares e comunitárias mais tradicionais estaria em disputa com um *loci* social distinto daquele, o que levaria a choques.

A segunda questão é relativa a outra das dificuldades enfrentadas pelo movimento, que é o envelhecimento dos agricultores e as escolhas das gerações mais novas por não continuar o trabalho agrícola, reduzindo consideravelmente a disponibilidade de mão de obra entre o campesinato japonês.

Aqui iniciam-se as diferenças entre o *Teikei* e a CSA. Não só surgiram em épocas diferentes, mas por necessidades diferentes: o *Teikei* surgiu das urgências e do medo populacional diante de uma tragédia ambiental que atingiu mais de 2000 pessoas com mais de 800 vítimas fatais (MICARONI, 2000).

O *Teikei* inclusive se diferencia quanto ao papel da presença feminina em sua composição. Assumir a identidade de cuidadora é fundamental em sua manutenção porque são as mulheres, a partir de seus papéis sociais de gênero, que costuram o tecido social (FOLLADOR, 2004) e foi pela agência feminina que, exercitando este mesmo papel de gênero, foram buscadas soluções para um problema enfrentado pela comunidade, o que não foi o caso das CSAs. Além disso, as experiências com CSAs são muito mais recentes, portanto o envelhecimento dos trabalhadores rurais não é um problema para muitas destas CSAs.

Uma das diferenças mais marcantes entre *Teikei* e CSA é a presença de co-agricultores<sup>36</sup> na segunda, o que não ocorre no movimento japonês. Há semelhança na população urbanizada formando grupos que buscam agricultores próximos,

<sup>36</sup> Esta categoria será melhor explicada e desenvolvida no tópico 3.2.

reduzindo os custos de transporte e a existência de intermediários entre o produtor e consumidor

Embora o Teikei e a CSA compartilhem muitos elementos em comum, não são equivalentes e não considero que a CSA seja uma “evolução” do movimento *Teikei*. Este movimento japonês diz respeito ao que um evento específico gerou como necessidade para a população afetada por Miamata e que se articulou a partir daí, mas por não evocar os princípios da economia solidária em sua organização, não pode ser definido como CSA. Defini-lo como “pré-CSA” é afirmar que um movimento visando suas próprias carências locais é incompleto até a introdução de teorias do centro, o que é uma linha de pensamento profundamente colonizadora. O que se desenvolveu em território alemão é muito mais próximo do que aconteceu no Brasil e de como se desenrolou a história das CSAs.

## 2.2 Uma Breve Explicação sobre a Experiência Alemã. As Experimentações.

Uma das primeiras experimentações na Alemanha aconteceu na fazenda *Buschberg*, próxima a cidade de Hamburgo (ECKERT, 2016), e a primeira CSA alemã, a *SoLaWi Buschberghof*, surgiu em 1988 (AMORIM, 2018). Ambas baseadas nas noções da agricultura orgânica e sustentável e o convívio comunitário, que são pilares fundantes dos critérios ideológicos que sustentam o discurso e as práticas das CSAs.

Considerando que os conceitos de Steiner sobre a Antroposofia e a economia associativa surgiram na Alemanha no início do século XX (AMORIM, 2018), não é surpreendente que experiências semelhantes tenham surgido no contexto alemão, como o *Solidarische Landwirtschaft* (ou *SoLaWi*). O *SoLaWi* propõe a participação ativa dos membros e o compartilhamento dos riscos e dos custos produtivos e da

responsabilidade local (TORRES, 2017), propostas que observei nas CSAs em que fiz trabalho de campo.

Ao tratar dos dilemas das CSAs alemãs, Amorim (2018) observa que em sua maioria as comunidades são compostas por pessoas jovens que enfrentam dificuldades em firmar suas comunidades porque este é seu primeiro contato com a economia solidária e com a agricultura orgânica. Isto impacta o estabelecimento das relações de confiança e a partilha de responsabilidade entre seus membros:

Todos os agricultores das SoLaWi são jovens e possuem um histórico recente com a agricultura, buscam uma dedicação à agricultura através da militância social e ambiental, e valorizam a autonomia dos agricultores. A organização das comunidades é autogestionada, porém, apresentam dificuldades em estimular a participação dos membros [...] Todas as CSAs apresentam formas solidárias de contribuição além de valorizar princípios de sustentabilidade social econômica e ambiental [...] O desafio econômico que é possível relacionar entre todas as CSAs é a subestimação dos custos de produção e salários dos agricultores, que aumenta a cada temporada aumentando também o valor das cotas. AMORIM, 2018, p. 54.

Outro desafio das CSAs alemãs é em relação ao financiamento público. O desenvolvimento das políticas de financiamento da agricultura orgânica nos países que fazem parte da União Europeia não beneficiou igualmente todos os produtores. Particularmente na Alemanha o primeiro programa, de 1989, resultou em uma produção de cereais que não correspondia a demanda, gerando grandes perdas para os produtores orgânicos (PADEI; LAMPKIN, 2007).

### 2.3 As CSAs no Brasil e a sua chegada em Brasília.

A CSA mais antiga atuante no Brasil é a CSA Demétria, fundada no ano de 2011 em Botucatu. Mas a primeira CSA a ser fundada no país surgiu em Fortaleza no ano de 1997 (AMORIM, 2018) fundada por Richard Charity (TORRES, 2017). A CSA Brasil, organização fundada em 2011, define a CSA<sup>37</sup> como:

<sup>37</sup> Esta é apenas uma das possíveis definições para CSA que eu encontrei. Outra que cito é a apresentada por Torres (2017), que define as CSAs a partir de termos gramaticais; 'comunidade' é a



Modelo de trabalho conjunto entre produtores de alimentos orgânicos e consumidores: um grupo fixo de consumidores se compromete por um ano (em geral) a cobrir o orçamento anual da produção agrícola [...] uma nova forma de economia em uma atuação conjunta com agricultores ativos e agricultores passivos para a produção de alimentos<sup>38</sup>.

A formação da ONG CSA Brasil surgiu a partir da meta de proteger a pequena produção agrícola transformando-as em CSAs. A ideia que se pode abstrair do *site* da entidade é que a transformação da pequena produção agrícola em CSA garante a sua segurança. Isso se dá porque consumidores que apoiam a produção agrícola local a partir de relações de consumo de lógica de consumo diferente da presente na agricultura convencional, garantem seguridade e incentiva esta produção local. Esta produção passa a possuir destino certo o que assegura a permanência dos pequenos produtores rurais em suas propriedades rurais.

A organização até mesmo oferece cursos para participantes das CSAs considerando os seus papéis sociais dentro das comunidades. Em suas páginas convidam agricultores e co-agricultores a assumirem as suas respectivas posições nas CSAs: responsabilidade para com a sustentação da agricultura familiar e com o consumo consciente para os consumidores<sup>39</sup>. A escolha em trabalhar para pessoas com quem se pode construir uma relação baseada em afeto além de produzir de forma benéfica ao meio ambiente como a posição a ser assumida pelos agricultores.

E esses benefícios geram expectativas. A ansiedade que eu percebi entre alguns agricultores do Incra 6<sup>40</sup> em constituir CSA, onde fica a chácara da CSA Paulo Freire, parte do interesse na seguridade financeira e do apoio recebido pelo grupo de co-agricultores – ou colaboradores – que fazem parte da CSA. Em minha

---

estrutura, o modo de organização, que ‘sustenta’ é a função, a ação esperada e é contínua, e a ‘agricultura’ é o aspecto visível.

38 Informação disponível no site [csabrasil.org/csa](http://csabrasil.org/csa)

39 O meu entendimento a partir das informações do *site* é de que os consumidores se transformam em co-agricultores por assumirem um papel dentro de um ciclo de consumo que envolve uma relação de afetividade com o produtor.

40 Região de chácaras em Brazlândia.

primeira experiência por lá, ao ouvirem que sou estudante da UnB realizando uma pesquisa sobre CSA como objeto do meu trabalho de conclusão de curso, alguns agricultores pediram para que eu explicasse sobre como são os ganhos financeiros com a formação de uma CSA e recebi convites para participar de feiras orgânicas nas quais agricultores da região participam.

Os projetos da CSA Brasil se dividem em modelos, formação, pedagogia, economia e saúde. O primeiro se caracteriza pela ideia de reestruturação da agricultura familiar por meio da adoção de modelos baseados na agricultura ecológica. O segundo, pelo aprendizado prático do modelo de CSA por meio de um curso de formação. O terceiro acontece por intermédio da construção de um ambiente educativo em uma fazenda ou sítio. Por fim, o quarto projeto consiste na formação da “economia do CSA”, o que seria atingido a partir da união de diferentes CSAs para a formação de uma comunidade maior.

Esta ideia de formar uma CSA a partir da colaboração entre outras CSAs é algo que eu compreendi durante as minhas saídas de campo. Não só ouvi membros da CSA Paulo Freire falando sobre como seria interessante formar uma CSA para produtos como geleias, mel, conservas e ovos; como também na CSA Chácara Bindu. A proximidade com outros produtores é um dos elementos ativos da entrega das cestas e algo que observei em todas as entregas às quais estive presente, com pedidos de entrega de ovos de um granjeiro vizinho e de um produtor de cogumelos conhecido pelos agricultores, por exemplo.

Em uma conversa recente no grupo do *WhatsApp* da CSA Paulo Freire, foi aberto o debate para uma maior aproximação com a Rede CSA Brasília a partir de uma colaboração arrecadada junto com a cota da cesta – um esforço ativo em reforçar os laços entre as CSAs com o intuito de fortalecer a presença das próprias CSAs em Brasília.

O convite que recebi por parte da rede para participar da construção de um grupo de estudos sobre CSA com a discussão sobre a formação de um banco de dados de pesquisas com pesquisadores de diversas áreas, das sociais às ciências agrônomas, em um esforço de auxílio mútuo é uma forma possível pela qual a Rede CSA Brasília potencialmente fortalecerá a própria presença das CSAs em Brasília. Isso se daria justamente a partir desse esforço coletivo de diversas áreas de pesquisa com a crença de que seriam dados particularmente importante considerando as mudanças climáticas atuais e eventos recentes como a queimada da Amazônia.

Na página da CSA Brasília, a missão que se propõe é justamente a de integrar e fortalecer o movimento social das CSAs no DF objetivando promover a produção e o consumo sustentável de alimentos a partir de uma cultura solidária. Os valores resumem a preocupação em estabelecer os princípios morais da rede, como o apoio mútuo, a transparência, o diálogo, a confiança e a solidariedade, que são valores intrínsecos a formação das CSAs. Os princípios da Rede são análogos aos que formam as CSAs: produção orgânica, local e sem intermediários, valorização da agricultura familiar, corresponsabilidade, entre outros, pois a Rede é uma organização feita com a intenção de disseminar e integrar a existência das CSAs em Brasília.

As primeiras experimentações com CSA em Brasília, e registradas no *site* da Rede, iniciaram em 2012 na Chácara Toca da Coruja, articulando os passos necessários para que uma CSA pudesse ser formada em Brasília. No ano de 2014, diversas palestras e cursos surgiram no intuito de promover a formação das CSAs. A Chácara Bindu formou-se em 2016, uma das pioneiras em Brasília, e a Paulo Freire foi oficializada no início de 2019<sup>41</sup>.

---

41 Apesar de a fundação da Paulo Freire, como me disseram alguns de seus membros, está ligada a atuação do Greenpeace, com o intuito de apresentar os princípios e as técnicas do cultivo agroflorestal entre os agricultores do Incra 6. Fazem parte da Rede, mas não foi esta quem teve a maior agência na formação da CSA.

As interações da Rede e da WWF, respectivamente, com a Chácara Bindu e a Paulo Freire revelam que há influência e participação inclusive de organizações internacionais e que outras organizações podem se formar em função da formação de CSAs. Embora estas organizações não estivessem presentes no cotidiano das comunidades, fazem parte das suas trajetórias e foram relevantes para a sua fundação.

E tanto as duas CSAs quanto a Rede compartilham valores e princípios presentes em suas práticas e abordagens, manifestando materialmente os princípios fundantes de suas práxis para constituírem uma forma de produção e consumo que não se rege pelos princípios do lucro, e, mesmo não sendo uma forma de se organizar que modifique radicalmente estruturas sociais, aponta na direção de outras possibilidades no que se trata de produção e consumo de alimentos.

#### 2.4 A emergência da CSA Chácara Bindu.

A história desta comunidade parcialmente se confunde com a história da CSA Brasília. É uma das comunidades pioneiras, o que ajuda a entender o porquê de ser uma comunidade grande e os agricultores membros tão ativos na divulgação da CSA e dos valores da antroposofia. Fundada em 2016 por dois agricultores que deixavam suas posições urbanas para assumirem o papel de agricultores. A formação da comunidade se deu por iniciativa dos agricultores que procuraram a Rede CSA e conhecidos interessados na CSA.

Em campo, observei que estes estagiários são um exemplo de uma estratégia adotada por Ximena para fazer com que as CSAs se tornem mais difundidas: oferecer estágios e também mini cursos, além de organizar palestras e cursos em Brasília para ensinar os princípios e as técnicas da agroecologia para outras pessoas, especialmente para estudantes. Esta iniciativa parte do interesse em dar a

oportunidade ao aprendizado sobre o cultivo agrícola a partir de outras referências técnicas e ideológicas, sobretudo a mulheres que estudam nas áreas das ciências agrárias, que, conforme conversei com algumas estudantes co-agricultoras e estagiárias daquela CSA, encontram dificuldade em se inserir nas profissões da área.

Os detalhes sobre como a comunidade se organizou em seu formato, tamanho e práticas atuais, no entanto, não estavam claros. Mas o que ficou nítido em minhas visitas e pela forma como os membros da comunidade falavam sobre ela, é que a sua estrutura atual não é resultado de um planejamento inicial que levasse ao seu funcionamento atual. Todas as mudanças pelas quais a CSA Chácara Bindu passou, resultaram de suas necessidades quanto comunidade e de suas experimentações. Este foi um interessante indicador da inventividade comunitária das CSAs.

## 2.5 O surgimento da CSA Paulo Freire.

A CSA Paulo Freire formou-se do interesse de alguns de seus participantes em participar de uma CSA e a dificuldade em fazer parte de uma comunidade já formada. Para preservar os princípios da economia solidária e não adotar a produção orgânica como uma técnica alternativa de produzir sob condições que não respeitem a diversidade alimentar, as comunidades são contidas. Há um limite para o quanto podem crescer e o intuito desse crescimento não é o de maximizar os ganhos, e sim de fortalecer os laços comunitários.

A partir deste obstáculo, o de querer fazer parte, mas de ter dificuldade em se inserir em uma comunidade já estabelecida, os membros da Paulo Freire que estão na posição de consumidores urbanos, procuraram produtores rurais para que pudessem iniciar a CSA. Coincidentemente, a família de agricultores que produz

para esta CSA, igualmente buscava por uma forma de escoar a produção que se mantivesse fiel aos princípios da agricultura orgânica nos moldes da agroecologia, motivados pela influência da WWF e precisando de uma forma de garantir a própria permanência na terra<sup>42</sup>. Estabelecendo contato via conhecidos na Rede CSA Brasília, a CSA Paulo Freire foi oficializada no início de 2019.

“Só que eles venderam, tinha um liquidante né, eles venderam os eucaliptos de um liquidante, e esse liquidante assumiu as dívidas da Proflora para com o governo, é mais ou menos isso. Que, eles retiraram os eucaliptos da área toda, e pouco tempo depois, nós nos organizamos e contratamos uma empresa para nos ajudar a fazer o parcelamento da terra, e entramos pra um-pra dentro das áreas, por sorteio e tal e tal. Isso já vai fazer três an-não, já fez três anos que a gente tá dentro do lote [...] Nós plantamos, nós perdemos muita produção que, há um ano, a gente conseguiu, com a WWF, que financiou o nosso projeto de agroflorestal. Só foram melhorando. Porque com o projeto a gente conseguiu plantar no manejo agroflorestal, orgânico, e deu o acompanhamento né, dos técnicos, do multirão da agroflorestal, que foi quem coordenou o nosso projeto... e viram várias capacitações, hoje a gente tá com ele, com, com o motor, a nossa comunidade, o CSA Paulo Freire, hoje a gente não perde mais produção, graças a deus”. Transcrição de entrevista com a agricultora Tânia.

---

42 A Tânia, agricultora, me falou sobre a filha mais velha, que foi estudar fora das zonas rurais em busca de oportunidades de trabalho, já que não as encontrava no campo, mas que com o crescimento da CSA já via para si um futuro no campo e haveria a possibilidade dela retornar, o que animou muito a Tânia.

### 3 COMO SE ESTRUTURA UMA CSA?

As CSAs (Comunidades que Sustentam a Agricultura) são um modelo de organização social baseado na comunhão e fortalecimento de vínculos entre agricultores e consumidores. Trata-se de uma experiência de aproximação direta entre aqueles que produzem e aqueles que consomem, geradora de fluxos econômicos permeados por uma ética de estímulo a fraternidade e a solidariedade entre as partes – valores considerados subversivos nos marcos de um sistema cuja reprodução baseia-se na competição e no individualismo. FERREIRA NETO et. al., 2015, p. 01.

As CSAs podem ser compreendidas como um diálogo entre a economia solidária e a agricultura alternativa. Mas não existe nenhuma organização que aprove a fundação e fiscalize o funcionamento das CSAs. Também não existe apenas um único formato que determine como o funcionamento de uma comunidade deva ser, sendo o único eixo partilhado entre elas, por ser imperativo para a sua definição, estes dois elementos em comum.

É necessário, portanto, determinar estas características, relacionando-as à experiência em campo para que seja possível algum entendimento mais etnográfico sobre o que é uma CSA e como ela se estabelece e funciona. Obviamente não tenho a pretensão de afirmar que todas as estruturas que conformam como uma CSA se reduzem às características apontadas neste trabalho.

Início este capítulo tratando da economia solidária para em seguida tratar do encontro entre agricultura alternativa e economia solidária na forma da CSA. Prossigo indicando quais são os agentes sociais e não-humanos envolvidos, que categorias são mobilizadas pelos interlocutores e quais são as práticas que constituem uma CSA a partir das diferenças e semelhanças entre as duas CSAs.

#### 3.1 A economia solidária e como isso opera nas CSAs.

Embora o primeiro levantamento no Brasil sobre empresas de economia solidária tenha sido feito em 2006, esse é um tipo de organização econômica que vem sendo observado no país desde a década de 1980 (GAIGER, 2007). Os primeiros registros desse tipo de estrutura datam desta época dado o momento de crise econômica e de piora da qualidade de vida que aconteceu no Brasil e na América Latina durante as décadas de 1980-1990 (ALVES; BURSZTYN, 2009). A carência de oportunidades para inserção na forma capitalista de produção e nas redes de trocas estruturadas pelo mercado convencional criou a necessidade de alternativas para a inserção dos indivíduos excluídos e potencialmente ignorados pelo modelo econômico hegemônico.

A emergência da economia solidária deriva da combinação entre a exclusão econômica – e social – capitalista e momentos de crise econômica. Diferencia-se da economia hegemônica por subordinar-se ao sistema social (ALVES; BURSZTYN, 2009). Pode absorver o que não se encaixou na economia de mercado, servindo às demandas da economia hegemônica, ou pode existir dentro de um contexto de diversidade das relações econômicas coexistentes na sociedade.

Estas práticas surgem a partir dos anseios de reorganização para que seja possível a continuidade material da vida social. Esta necessidade de reorganização é ocasionada por uma mudança de condições ou valores ou mesmo pela existência de outras diretrizes estruturantes das relações sociais que conduzem a outras formas de organização da vida social que não sejam as dominantes. A partir das necessidades e anseios mútuos de grupos urbanos e rurais, emerge a organização em CSA: os grupos urbanos buscam por consumo orgânico e por uma forma de justiça social para os trabalhadores do campo e os grupos rurais buscam por uma forma de comercializar seus produtos de forma justa e digna.

A segunda perspectiva sobre o que desencadeia a economia solidária põe em xeque a noção de que há apenas um modo de vida dominante e que qualquer outra



forma de vida ou deve destruir a primeira e assumir a liderança como estrutura predominante, ou existe apenas de forma subserviente, o que pode validar o discurso de que modos de vida diversos não podem coexistir, pois apenas poderiam competir, exterminar e dominar um ao outro.

As CSAs são guiadas em seu funcionamento pelos princípios da economia solidária porque há em sua organização a presença de fatores que descentralizam o lucro, o que é essencial para o funcionamento da economia solidária. São eles: a perspectiva semelhante sobre o mundo, o uso de um método produtivo que não objetive o lucro e sim a qualidade do que é consumido, o estabelecimento de relações sociais recíprocas e contínuas e a realização de atividades que envolvem todos os membros do grupo (ECKERT, 2016).

### 3.1.2 Agricultura Alternativa e Economia Solidária: Uma relação possível.

Um dos desafios da agricultura alternativa é a valorização do que é ou não permitido para que a etiqueta de alimento orgânico leve a busca pela utilização de outros tipos de insumos sem que a tentativa de aumento da eficiência leve a negligência da complexidade dos métodos agroecológicos (ASSIS et. al., 2002).

Manter o selo de alimento orgânico exige a adesão às legislações sobre o que atribui esse selo à produção de alimentos, e o aumento do consumo destes os torna um mercado atraente a ser explorado por grandes produtores capazes de manter a capitalização de sua produção sem que a diversificação do que é produzido seja observada (GEIER et. al., 2007). Mantém-se a monocultura, sem que as práticas da agricultura alternativa se tornem difundidas entre os agricultores menos capitalizados.

O desafio, portanto, torna-se a garantia da acessibilidade às técnicas produtoras de alimentos orgânicos para agricultores que, teoricamente, mais se

beneficiariam da escolha destas práticas alternativas. E é aí que a relação com a economia solidária – em ambas as perspectivas em que pode ser percebida, mas, fundamentalmente quando é pensada como uma das possibilidades econômicas coexistentes – apresenta o potencial de ser adotada ao mesmo tempo em que inclui os produtores da agricultura familiar em seu círculo.

Esta simbiose, mesmo que benéfica e aparentemente intuitiva, não é uma ocorrência “natural”. Mesmo que o surgimento das CSAs jamais tenha sido a intenção inicial do movimento pró agricultura não industrializada, afirmar que tenha sido uma descoberta acidental é negar a capacidade de agência dos indivíduos envolvidos, e mesmo que esta agência não seja sempre consciente ou que resulte em seus objetivos primários, ela existe e estava em evidência.

Não há uma ligação entre o surgimento de ambas as CSAs, que se formaram de forma independente uma da outra. Motivadas por diferentes interesses, mesmo que partilhem as mesmas características principais: agricultura orgânica e economia solidária, que são eixos centrais que estruturam todas as outras particularidades de cada comunidade, todo o resto é arranjado de acordo com as necessidades dos indivíduos que formam a comunidade.

Inclusive, a participação de ONGs na constituição destas duas comunidades se deu de forma bem diferente. Na CSA Chácara Bindu, a impressão que tive é de que primeiramente surgiu, por parte dos agricultores, a vontade de constituir uma CSA a partir de suas experiências profissionais urbanas e do contato com teorias holísticas e depois buscaram a Rede CSA Brasília, que é nacional, para consolidar a sua comunidade. Já no caso da CSA Paulo Freire, inicialmente houve contato com a ONG WWF, e, a partir do contato com esta organização internacional que se caminhou na direção do estabelecimento da comunidade.

### 3.2 Que categorias de agentes sociais constituem uma CSA?

As primeiras categorias com as quais me deparei em campo foram co-agricultor e agricultor. Co-agricultor, como categoria analítica, é o participante que é um membro urbano da comunidade, financia a produção agrícola mas não realiza o trabalho rural de cultivo dos gêneros alimentícios, exceto em algumas vivências, ou se se voluntaria a realizar este trabalho fora das datas de reunião nas chácaras. É papel dele manter o financiamento mesmo quando as perdas agrícolas são grandes o suficiente para que não seja entregue cesta alguma naquela semana.

No entanto, esta é uma categoria polissêmica. Os interlocutores me apresentaram significados diversos para a mesma, a depender do contexto em que era utilizada, o que é explorado por mim no capítulo 4. Adianto que nem todos que seriam definidos analiticamente como co-agricultores se consideram como tais. A polissemia do termo co-agricultor não diminui a sua importância na dinâmica comunitária, mas evidencia as possibilidades de transformação das CSAs a partir das ressignificações que a própria comunidade cria para si.

O agricultor é o membro rural da CSA. É ele quem planta, colhe, organiza e entrega as cestas, assegurado que os co-agricultores financiem o seu trabalho. Geralmente quem ocupa esse papel pratica a agricultura familiar e deve adotar técnicas da agricultura orgânica, a serem discutidas com todos os membros da comunidade.

Outra categoria utilizada pelos interlocutores foi a de colaborador. Este termo aparentemente não separa a comunidade entre membros urbanos e rurais, porque ambos de fato colaboram para a construção e o funcionamento da CSA. No entanto, não registrei nenhum momento em campo em que tenha sido utilizado para outros que não os co-agricultores, o que poderia indicar que o uso desta categoria supõe

que o co-agricultor é o colaborador porque colabora financeiramente com o agricultor, mas não faz o trabalho agrícola.

Notei que, mesmo com o sentimento de reciprocidade entre os membros, não são todos que se identificam como co-agricultores. A minha impressão inicial era de que as CSAs são formadas por co-agricultores e agricultores, mas conversando com membros da CSA Chácara Bindu, uma participante me disse que não é co-agricultora porque não vai às vivências, mas participa da comunidade porque compartilha das noções de consumo sustentável, orgânico e alternativo. Já outra me disse que participa demais das vivências e por isso não pareceria ser uma co-agricultora, porque “estaria extrapolando o seu papel ali dentro”. É notável a presença de estudantes, algo que não me parecia ser uma obviedade quando comecei o período de campo e não era uma presença registrada na maioria dos textos sobre CSA que encontrei.

### 3.2.1 Agentes não-humanos e a CSA.

O clima e os meios de transporte das cestas são agentes não tão evidentes em uma primeira análise, mas igualmente importantes. A variação climática é agente com o qual se negocia diante das perdas produtivas, buscando meios de se produzir outras coisas, por exemplo, ou de resolver certos dilemas, como foi a sugestão de um participante da CSA Paulo Freire, que se prontificou a doar algumas galinhas d'Angola para lidar com lesmas, o que foi sugerido no grupo do WhatsApp da comunidade.

As chuvas, ou a falta delas, interfere nas entregas das cestas porque pode tornar a quantia de certos alimentos insuficiente para que eles possam estar nas cestas, determinando ausências e presenças e frustrando expectativas, o que leva os membros a buscarem estratégias para lidar com este agente não-humano e não

calculado anteriormente. Não só cito o exemplo das lesmas, como um dos informantes mencionou a escolha por alimentos que melhor se adaptem às variações climáticas como outro exemplo de como é possível lidar com a imprevisibilidade destes agentes.

### 3.3 Que ações constituem uma CSA?

#### 3.3.1 Arregimentar gente para a construção de uma comunidade.

A importância dos valores afetivos das relações ali estabelecida é outro fator que conecta a economia solidária às CSAs. Observei que os membros são empáticos entre si e preocupam-se com os problemas uns dos outros em ambas as CSAs, o que mostra como essas relações são não apenas monetárias, mas também afetivas. As entregas de cestas geralmente envolvem pausas para conversas e, em caso de um dos membros não poder pegar a sua cesta daquela semana, não é incomum que os itens sejam doados para outros membros.

No caso da CSA Paulo Freire, acontece ocasionalmente que os itens sejam doados para algum dos funcionários do Centro de Economia Solidária próxima ao Conjunto Nacional, local das entregas. Aconteceu alguma vez que alguns dos itens foram oferecidos para mim, o que descobri que se chama “isca”, uma estratégia utilizada para atrair novos co-agricultores<sup>43</sup>. Em mais de uma ocasião, ouvi co-agricultores avisando os agricultores que precisavam “preparar a isca”, porque “tenho uma amiga interessada”, ou “tenho um casal de amigos” ou “minha sogra estava interessada”, e já me perguntaram se eu não conhecia pessoas interessadas, ou o que as pessoas que moram comigo acharam da cesta.

<sup>43</sup> Esta mesma estratégia não é adotada pela CSA Chácara Bindu, que é muito mais antiga em Brasília. O Daniel, co-agricultor da CSA Paulo Freire me falou sobre ter primeiro tentado entrar em uma CSA já estabelecida, mas que não conseguiu devido a lista de espera que havia de pessoas interessadas em entrar, então buscou outras pessoas que estivessem interessadas para fundarem a CSA Paulo Freire.

### 3.3.2. Encontrar agricultores.

Na CSA Paulo Freire, eram 18 cotas e meia, nos valores mensais de 260 reais para a inteira e 130 para a meia, no início do meu período de campo, sendo o objetivo atingir 20 cotas, no máximo 30, mas o número de participantes variou bastante desde então e não consegui manter registro, pois às vezes entravam, saíam ou algumas pessoas trocavam de uma cota inteira por meia cota ou passavam a dividir a sua cota com outra pessoa. Considerando isso, percebi então que o número de cotas não equivale ao número de participantes.

Esta fluidez da presença de membros foi algo que observei mais facilmente na CSA Paulo Freire do que na Chácara Bindu, o que atribuo a três motivos: o primeiro deles é a escolha e o controle da comunidade sobre quais informações eu teria acesso, o segundo é que a Chácara Bindu conta com três diferentes pontos de entrega, o que me impede de estar simultaneamente em todos os pontos. O terceiro motivo pelo qual a mobilidade me pareceu mais fluida na Paulo Freire é o fato de ser uma comunidade bem mais nova do que a outra.

A entrada de novos membros e a sua permanência são preocupações da CSA Paulo Freire. A comunidade não se considera estável, e nem todos os membros que entraram, nela permaneceram. A participação é iniciada com a assinatura de um termo de compromisso, que não possui valor legal, mas objetiva despertar em novos membros um sentido de pertencimento que os motivaria a participar ativamente da comunidade e despertaria neles um sentimento de pertença, mas que não os obriga a continuar nela. A incerteza da permanência é uma fonte de ansiedade, porque entender a saída de um membro não elimina o impacto dela, tanto para a quantidade de alimentos produzida, que depende do número de pessoas que

receberão as cestas e exige planejamento antecipado, quanto para a verba disponível para o sustento da produção<sup>44</sup>.

### 3.3.3 O que o encontro entre co-agricultores e agricultores nos diz.

A relação de afetividade que se desenvolve entre os colaboradores não significa que estão todos em situação de igualdade. Aqueles que procuram os agricultores para a formação da CSA geralmente são funcionários públicos, profissionais liberais ou estudantes universitários. Já os agricultores participantes são donos de pequenas propriedades agrícolas familiares.

Esta constatação ficou mais evidente para mim na entrega de cestas da CSA Chácara Bindu. Na primeira vez em que acompanhei essa atividade, esperei no prédio da Fiocruz, próximo à UnB, e percebi que muitos dos co-agricultores são funcionários públicos ou estudantes de pós-graduação. Não considero que o acesso deles a CSA seja apenas devido à renda<sup>45</sup>, pois não tomo esses grupos como determinados exclusivamente por suas faixas de renda.

Em Brasília ser funcionário público gera uma posição social – além de uma série de piadas locais – que não depende do cargo ocupado, mas é suficiente para invocar no imaginário popular brasiliense, uma série de noções socialmente predeterminadas de privilégios que esta categoria de organização social traria. Considero que essa variável do perfil sociológico dos participantes urbanos nas CSAs é indicativo que sua participação depende de uma certa posição social ocupada nos meios urbanos.

---

44 Nesse ponto, encontrei duas dificuldades em determinar qual seria a renda recebida pelos agricultores. A primeira delas é a própria variação de membros da comunidade, e a segunda é o controle sobre informações que a comunidade tem e esta foi uma das informações controladas.

45 Particularmente, acredito que apenas se eu fizesse uma pesquisa amostral sobre a faixa de renda entre participantes e não participantes das CSAs eu poderia encontrar uma resposta certa, mas não é uma pesquisa razoável para ser feita a curto prazo, se é que é razoável em qualquer período de tempo disponível, isso apenas considerando a população de Brasília que faz parte ou não de uma CSA.

Essa discrepância está ali presente nas relações a partir da posição de quem detém o poder de pagamento, que são os co-agricultores/colaboradores. A diferença que observei entre adquirir alimentos em feiras orgânicas e dentro de uma CSA é o estabelecimento de um vínculo mais próximo, no qual a troca do alimento pelo dinheiro não possui o lucro como elemento a partir do qual as relações econômicas orbitam.

As relações de poder entre os membros da CSA existem, não são eliminadas porque se adota uma diferente postura sobre a interação entre consumidor e produtor, que é direta e não ligada ao lucro, ou mesmo porque ligações emocionais são formadas entre os participantes. O que acontece com elas é que se modificam sob o ponto de vista da responsabilidade da população urbana com a existência e a qualidade de vida da população rural, porque são estas pessoas do campo as detentoras do poder sobre a segurança alimentar urbana. Novas relações de poder são estabelecidas a partir da mutualidade da existência de grupos sociais inseridos em outras sociabilidades sem significar que entre eles há alguém de maior importância; são pessoas com diferentes papéis gerando uma série de obrigações e poderes associados que não os antagonizam.

### 3.3.4 Como o trabalho é distribuído.

A CSA Chácara Bindu contrata estagiários e outros agricultores para a realização dos trabalhos de cultivo e manejo. Foi acordado entre os participantes visto que a maioria deles não possui disponibilidade de tempo para ir às vivências, mas permanecem interessados nas relações de consumo estabelecidas dentro da comunidade. Essa contratação também se dá pelo interesse particular dos agricultores em expandir uma outra forma de relação econômica, a melhor solução para que a produção pudesse sustentar aquele grupo seria a presença de outros



participantes não convencionais para a ideia original de CSA, como os estagiários e agricultores contratados para alguns trabalhos dentro da fazenda, como a preparação do terreno. Isto impacta as vivências, que passam a ser organizadas em parte pelos próprios estagiários.

A oficialização da CSA Paulo Freire não foi suficiente para que funcionasse da forma como os membros desejassem. A solução encontrada foi a divisão em comissões responsáveis pelo gerenciamento de diferentes aspectos necessários ao funcionamento da CSA, como organização e financeiro, sendo estas formadas pelos membros de origem urbana, e a outra parte do trabalho, que é a do plantio e cultivo agrícola, além da preparação semanal das cestas, é de responsabilidade dos agricultores, sendo uma carga de trabalho grande. Tânia e Silvano, o casal de agricultores da CSA Paulo Freire, já me disseram em uma conversa que ficaram acordados “até meia-noite” para conseguir preparar as cestas para entregá-las no sábado de manhã, especialmente porque não podem colocar alimentos nas cestas se eles não forem frescos – outra característica que, embora não seja central, é presente nas CSAs é o alimento fresco.

### 3.3.5 As entregas das cestas.

Há elementos comuns na forma como as entregas em ambas as CSAs são feitas. Os agricultores chegam, retiram as caixas dos veículos, as deixam no local pré-determinado, que raramente muda, e então esperam. Dificilmente há alguém esperando antes dos agricultores chegarem. Chegam os co-agricultores e a primeira coisa que costumam fazer é cumprimentar quem já está lá, e só depois os alimentos são distribuídos. Na CSA Paulo Freire, os agricultores colocam os itens na cesta, e o co-agricultor escolhe uma das ervas de chá. Na Chácara Bindu, os alimentos também são organizados pelos agricultores, mas cada caixa carrega todos os itens

de uma única cesta, ao invés de cada caixa conter cada um dos itens daquela semana.

Há conversa, mas essa é a estrutura que se repete e é a ordem de ação. De forma geral, os mesmos membros que permanecem por mais tempo são os que mais usam da linguagem verbal para trocar suas experiências e os que mais expressam fisicamente a afetividade comunitária cultivada. Não é incomum que sentem e conversem, contem sobre suas famílias ou troquem receitas.

Chegar aos locais de entrega raramente se resume a apenas pegar a cesta e sair. Apenas uma vez, em ambas as comunidades, observei atraso por parte dos agricultores. Na CSA Chácara Bindu devido a problemas de saúde de um dos estagiários, e na Paulo Freire por problemas com o carro da entrega. No período em que estive em campo, a CSA Chácara Bindu contava com 38 cotas<sup>46</sup>, sendo a maioria uma cota inteira, que custa 320 reais, a meia custando 210, ambos os valores pagos mensalmente.

---

46 Cotas significa que ou se trata de uma cesta inteira, ou então de duas meias cestas. Algumas CSAs dividem suas cestas em pequena e grande. E estas variações podem ser organizadas por diferentes critérios, tanto de quantidade de alimentos, quanto quais alimentos estarão disponíveis ou mesmo o tamanho destes, o que depende do funcionamento de cada CSA, não havendo um critério de organização universal quanto a isso.

Figura 2 - Centro de Economia Solidária, no Setor Comercial Norte Q 1. É o local das entregas das cestas da CSA Paulo Freire.



A CSA Chácara Bindu, maior e mais antiga do que a CSA Paulo Freire, conta com três pontos de entrega; uma escola, uma padaria e o prédio da Fiocruz, próximo ao campus Darcy Ribeiro. A Ximena, agricultora desta CSA, geralmente está presente nas entregas que acontecem no prédio da Fiocruz, às terças-feiras a partir das 18 horas, com algum dos estagiários da chácara.

Sendo a CSA Chácara Bindu uma comunidade maior, o sistema de entregas conta com um número certo de cestas e de itens adicionais determinados em uma planilha, que devem ser encomendados previamente, que vai para cada um dos pontos. Mesmo que seja uma comunidade única, a distribuição das cestas relaciona-se a grupos específicos; geralmente os que buscam no prédio da Fiocruz ou trabalham por lá, ou estudam na UnB; os que buscam na padaria Castália, localizada na Asa Sul, – uma cesta é entregue semanalmente para a padaria, sendo

o resultado de um acordo que permite que as entregas ocorram naquele local – são os que pegam a cesta e entregam o dinheiro mais rapidamente e na escola, as cestas são entregues na portaria e os co-agricultores as recolhem no horário de saída da escola, no período matutino.

Destes três pontos de entrega, não estive presente na escola, e o funcionamento destas entregas foi relatado para mim pela Ximena e pela Marília, a estagiária com quem tive maior contato entre todos os estagiários desta CSA. O que notei das entregas na Fiocruz, é que há toda uma preparação ao momento em que elas chegam com a cesta, as descarregam com ajuda de um carrinho, o que é feito da forma mais rápida possível, para que as cestas já estejam lá quando os co-agricultores chegarem e porque o estacionamento fica mais longe do ponto de entrega do que na CSA Paulo Freire. As pessoas que recolhem as cestas neste ponto, geralmente se demoram por mais tempo, conversando com elas ou então com outros co-agricultores.

Neste ponto, as entregas acontecem no final da tarde, coincidindo com o encerramento do expediente e de horário de aulas, o que significa que a ambos os agricultores e co-agricultores, o tempo que seria dedicado ao trabalho que os identifica como parte de um certo grupo urbano – que pertence a alta camada urbana – já foi convencionalmente encerrado, e mesmo que outras atividades relacionadas a estes sejam realizadas, no momento da entrega a parcela urbana da comunidade, está relativamente livre de sua rotina de trabalho.

Já na padaria, as entregas são mais rápidas, há uma sensação maior de aquela troca ser uma transação, porque a estagiária confere o nome na lista, verifica se os itens estão corretos, o co-agricultor espera e em seguida entrega o dinheiro e pega os seus alimentos. As entregas que ocorrem na padaria são simultâneas a outras trocas econômicas que ocorrem no mesmo local; o espaço é cercado por outras lojas e por um comércio em moldes mais convencionais. Não é incomum que

peças que não fazem parte da comunidade parem intencionando comprar itens específicos, como fariam em uma feira de rua, até que a estagiária responsável pelas entregas neste ponto explica que é apenas por encomenda e cede seu contato de celular para explicar mais detalhadamente sobre a CSA.

Mesmo que a padaria ofereça produtos ecologicamente diferenciados, o que me pareceu influenciar a escolha por aquele ponto específico de entrega, além do interesse de pessoas de fora da comunidade em itens pontuais, leva a um comportamento mais orientado a uma racionalidade de otimização das ações porque o fato de se situar em um local de transição atribui outros sentidos a troca, sendo estes sentidos enraizados em praticidade.

Acredito que esta diferença na entrega entre esses pontos se deve tanto pelo horário quanto pelo lugar. O ponto da escola é um onde algumas horas separam a entrega e a coleta e este não é um espaço de tempo que os responsáveis pelo cultivo e coleta do alimento podem esperar para realizar a entrega, que ocorre antes do horário da saída escolar. As cestas são deixadas para entrega antes do horário de saída escolar, quando são recolhidas, e os agricultores não podem esperar por horas para entregar estas cestas a cada co-agricultor. Afinal, o tempo é outro agente influente na condução das suas atividades.

Isto é diferente, em geral, das entregas de cestas da CSA Paulo Freire. Sempre ocorrendo em um único lugar – houve um ensaio anterior de entrega em mais de um ponto, o que acabou tornando-se uma possível nova CSA com outros agentes participantes – nas manhãs de sábado, aqueles que pegam a cesta e vão embora geralmente são membros mais novos na comunidade que ainda não estão totalmente incluídos porque sua participação é recente, ou então de pessoas que se desculpam pela pressa, mas não podem “passar mais tempo por lá”. O local fechado das entregas contribui para um sentimento mais intimista por ser um local

determinado que permite a reunião da comunidade, mesmo que seja um local em que ninguém, além dos participantes, costuma entrar no momento das entregas.

### 3.3.6 Conversas.

Na CSA Chácara Bindu, a visão sobre alimentação e consumo é semelhante entre os membros, sobretudo no que se trata da ideia de conscientização sobre a qualidade do que é consumido e nos impactos produtivos. Embora as discussões abertamente políticas fossem mais abundantes na CSA Paulo Freire, não quer dizer que as visões de mundo dos membros não fossem ali colocadas para serem debatidas.

Sobre a construção dessas discussões, atribuo ao fator tempo a maior agência determinante sobre o desenrolar delas nestes momentos de encontros entre os membros das respectivas comunidades e também das características particulares destes, o que não significa que sejam mais ou menos “conscientes” do que os outros. Na CSA Chácara Bindu, as entregas de cestas ocorriam no final da tarde, no fim do expediente de trabalho, enquanto que na CSA Paulo Freire, durante o sábado de manhã e acredito que o cansaço (ou a falta dele) experimentado após horas de trabalho impacte a disposição em se ter conversas “mais políticas”.

Mas abro espaço para a possibilidade de que o “debate político” esteja implícito nas declarações sobre as escolhas de consumo e perspectiva sobre a vida. A CSA Paulo Freire é também muito mais recente do que a CSA Chácara Bindu, portanto há a necessidade de um engajamento diferente de seus membros para que a CSA possa estabelecer-se.

Uma categoria presente nos diálogos é *mesa da abundância*, que se refere a todos os itens produzidos além do esperado e que são colocados à disponibilidade dos participantes que quiserem pegar mais coisas. Como é resultado de uma

produção maior do que o esperado, não há custos adicionais para a aquisição dos mesmos, o preço das cestas é sempre determinado anteriormente e a data de pagamento também.

Sendo a comida e alimentação um dos motivos para que se forme uma CSA, não faltam conversas sobre, e elas são muito importantes durante as reuniões. Sempre olham a cesta e comentam sobre a aparência dos alimentos: “esse aqui está bem verdinho” ou “dessa vez parece um pouco menor”. Alguns tocam neles, comparando-os com o que encontrariam no supermercado, ou em alguns casos se exalta a diversidade que não se encontra em mercados convencionais. O diálogo entre os membros da CSA é uma constante. Dessa troca de experiências com a alimentação e a agricultura, as relações são firmadas.

### 3.3.7 Vivências.

Na primeira vez em que estive presente em uma vivência da CSA Paulo Freire, que descobri ser a terceira vivência da CSA, encontrei com alguns dos membros desta em frente ao Conjunto Nacional, no piso superior. Saímos às 8:27, eu fui em um jipe amarelo com um dos membros, o Herbert, e em outro carro foram o Daniel e mais algumas outras pessoas. Daniel é um dos co-agricultores e a pessoa que respondeu o *e-mail* que eu havia enviado falando sobre meu interesse de pesquisa. Daniel me disse que a CSA era algo que planejavam “desde o ano passado”, mas que só conseguiram articular a comunidade no início de 2019.

Em todas as vivências e entregas de cestas que participei, quase todos afirmaram que entraram porque conheciam alguém que já participava, mesmo que fosse em outra comunidade. Outra observação minha é a prática pedagógica de reconhecer uma certa “responsabilidade” da população urbana pela existência e produção do campo, e mais ainda do pequeno produtor, do produtor familiar, e do

produtor orgânico. O Daniel, de todos os co-agricultores com quem travei diálogos mais profundos, insistiu nessa afirmação: “se o campo não planta, a cidade não come”. As vivências materializam as concepções sobre quem é quem na comunidade e simultaneamente unir os membros.

Figura 3 - Coração de bananeira, a PANC mais popular em ambas as CSAs, em uma das entregas de cesta da Paulo Freire.



As vivências são, na CSA Paulo Freire, mensais, geralmente no último domingo do mês, mas a data pode ser alterada considerando a agenda dos agricultores ou a ocorrência de eventos externos, como aconteceu em uma das vezes em que Tânia e Silvano viajaram para visitar familiares ou quando uma equipe de pessoas responsáveis por um projeto agroflorestal na região visitou a chácara para estudar o local e considerar a implementação do projeto ali.



A própria frequência destas vivências é ordenada de maneira diferente porque na CSA Chácara Bindu há cursos mensais, nos quais alunos de agroecologia são convidados. As duas estagiárias com quem conversei, e um ex-estagiário também, me falaram que foi dessa forma que conheceram a CSA e a Ximena. Estes seriam muito mais frequentes do que as vivências organizadas para receber os co-agricultores, ou coprodutores, como me disse Guadalupe, participante da CSA, que, nas palavras dela: “Eu acho que também depende do seu proativismo, de chegar e dizer assim: Ximena, tenho interesse em ir lá conhecer a chácara. Mostrar interesse, assim, também acho que tá tudo muito aberto”, foi o que ela me disse sobre as vivências e a participação dos coprodutores nelas.

#### 3.3.8 Comunicações virtuais.

A comunicação virtual funciona como extensão das decisões comunitárias. Em nenhuma das comunidades as decisões eram discutidas apenas em momentos de entrega de cestas ou vivências, que eram um misto de reunião, entrega e atividade agrícola. Não fiz parte do grupo da CSA Chácara Bindu, mas a decisão sobre se aceitariam que eu entrevistasse alguém, e quem seria essa pessoa, foi decidida virtualmente. O que vai na cesta, possíveis diretrizes e quem não vai às entregas e vivências, é decidido digitalmente na CSA Paulo Freire.

#### 3.3.9 Reciprocidade.

De forma geral, o tipo ideal de relação que observei nas duas comunidades é fortemente baseado em reciprocidade: o agricultor cuida da alimentação dos co-agricultores, e estes cuidam da seguridade financeira do agricultor e da produção agrícola. Esta relação é estabelecida a partir da construção de interações baseadas em afetividade construída em grupo, e na existência material do financiamento e do alimento produzido pelas técnicas da agricultura orgânica.

Retribuir e receber são ações que expressam papéis sociais, obrigações e interesses econômicos dos agentes envolvidos nas trocas (Mauss, 2003). A reciprocidade entre co-agricultores e agricultores é tanto geradora quanto gera as obrigações que estabelecem as relações sociais estruturantes da CSA. A obrigação dos co-agricultores em financiar a produção agrícola por sua vez obriga os agricultores a cultivar alimentos orgânicos

### 3.5 O que estas diferenças organizacionais nos dizem?

Estas diferenças organizacionais entre as CSAs podem, a princípio, parecer motivo de discussão entre qual é a forma mais autêntica<sup>47</sup> de organizar uma comunidade que sustenta a agricultura, mas a verdade é que há diversas maneiras pelas quais uma CSA pode funcionar se os eixos principais – agricultura orgânica e economia solidária – forem mantidos. Esse *insight* eu devo a uma co-agricultora da CSA Chácara Bindu, a Guadalupe, que me falou sobre como o incentivador para que ela buscasse uma CSA foram as mudanças nas políticas agrícolas que se desenvolveram a partir das primeiras Marchas das Margaridas e por uma mudança de postura individual a partir da defesa política do desenvolvimento e consumo sustentável, mas que diante do pouco tempo que ela possui disponível<sup>48</sup>, não conseguiria fazer parte de uma comunidade com vivências “mais tradicionais”. É justamente o funcionamento único de cada comunidade o que determina a sua organização considerando os objetivos e os desejos daquela comunidade.

---

47 Os eixos definidores das CSAs são agricultura orgânica e economia solidária. Todas as outras características que surgem dependem de como a comunidade acabou por se estruturar para que possa funcionar.

48 O tempo é outra questão a se pensar em quem pode fazer parte de uma CSA. Não só apenas quem possui renda suficiente para estimular a produção orgânica, que não é acessível para toda a população urbana, mas o tempo para dedicar-se a participação é outra barreira que restringe quem é que pode participar de uma CSA. Mesmo que estas não sejam questões intrinsecamente centrais a este trabalho, não são ignoradas porque fazem parte do obstáculo à expansão do consumo neste molde.

Figura 4 - Estufa da CSA Paulo Freire, onde ficam as mudas até o horário do plantio.



## 4 CSA, COMIDA E CONSUMO.

Através da análise de vários estudos sobre o tema observou-se que, as CSA particularmente, tentam construir comunidades e relacionamentos em torno do cultivo e dos hábitos alimentares e discutem também o mercado em termos de comunidade, onde atividades relacionadas à alimentação são construídas num conceito de vizinhança buscando a construção e a melhoria das relações. AMORIM, 2018, p. 8.

### 4.1 CSA, comida e alimento.

A partir do meu trabalho de campo, concluí que a comida e o alimento articulam relações de consumo e produzem significados entre os participantes da CSA. Não só porque o principal produto econômico das CSAs é o alimento orgânico, mas, além disso, porque as experiências dos participantes dentro das comunidades moldam a forma como eles percebem a própria alimentação e é central para a formação de laços entre esses membros participantes.

Na CSA Chácara Bindu, conversei com duas participantes que compartilham a cesta; a Guadalupe e a Kiara. Ambas são estudantes de pós-graduação e optaram por compartilhar uma cesta para poderem dividir os custos e porque não conseguiriam comer todos os itens que vem na cesta antes que os mesmos estragassem; inclusive algumas vezes deixaram alguns para que ficassem na *mesa da abundância* e me falaram sobre a experiência de compartilhar uma cesta.

Não só para elas é importante o contato direto com o produtor, como nunca haviam dividido alimentos antes e isso mudou a forma como lidam com o consumo. Há uma negociação sobre o que cada uma levará para a sua casa, às vezes uma leva determinado item, na semana seguinte é a outra. As duas buscam preparar suas refeições a partir do que tem para cada uma delas naquela semana. A possibilidade de estabelecer relações mais próximas com outros consumidores e com os produtores as afetou de uma forma que a Kiara havia me dito que não seria possível se comprassem de supermercados grandes; ela disse que uma relação semelhante à estabelecida na CSA poderia se dar em mercados pequenos e

restritos a bairros, ou, no caso de Brasília, às quadras, mas que a proximidade na CSA é construída apenas pela organização da CSA.

“Então eu gosto também né... de, de ela ser muito acessível, muito afetuosa assim, sabe, na preocupação, não é aquela coisa assim... ah, aqui sempre tem, a gente sempre fica conversando, não é: toma a cesta, vai embora, tchau! (risos) Tem pelo menos assim, ela tem essa preocupação”. (Trecho de entrevista com a co-agricultora Guadalupe da CSA Chácara Bindu).

Igualmente comum, não só há afetação pela forma como se consome, como também se afeta pelo quê se consome. Não me pareceu atípico que as CSAs apresentem novas possibilidades de alimentos comíveis e comestíveis<sup>49</sup> aos seus participantes, sendo essas novidades igualmente apresentadas aos agricultores, cuja alimentação é composta pelos mesmos alimentos que produzem. As estagiárias da CSA Chácara Bindu me falavam sobre como é diferente comer algo que elas acompanharam todo o processo de plantio, cultivo e colheita, que a textura e os sabores são diferentes, que notaram mudanças positivas em seus corpos e comeram alimentos que nem sabiam ser comestíveis. Ximena, em uma das entregas de cesta, mencionou sede e quando ofereceram água, ela disse que não conseguia mais beber água que não fosse da chácara, pois “o gosto é muito diferente, a daqui é metálica”.

A oferta de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), de alimentos sazonais, orgânicos e até mesmo de ervas terapêuticas e a troca de receitas entre os participantes é parte do cenário em que as cestas são construídas e que os alimentos são cultivados.

“Sempre tava assim, sempre quis comer orgânico, mas assim, pelo menos na, na aqui, na, eu moro aqui na Asa Norte, ehh... o que pautava muito a minha decisão de comer era o preço... é, era isso. E aí isso sempre me

---

49 Adoto a definição de Woortmann (2013) sobre o que é comestível e o que é comível; segundo a autora, comestível é o que se sabe poder ser ingerido, já comível é o que é socialmente escolhido para comer, dentro de uma seleção do que é comestível

desestimulou, por que, geralmente o... geralmente os orgânicos, que pelo menos é onde eu tenho acesso, que são muito mais caros, pelo menos muito mais caros do que um alimento que não é orgânico”. (Resposta obtida na entrevista com a co-agricultora Clarissa, respondendo à minha pergunta sobre se ela buscava consumir orgânicos antes ou não).

“Sim, sim, por incrível que pareça não era de comer hortaliça né, o meu negócio era arroz, feijão e carne! (ri) E hoje não né, a gente já come dali hortaliças, verdura, legume, mandioca, e.. e eu tô naquela fase também de ter que diminuir arroz, então tá indo né? Hoje eu não consigo ir no mercado mais, no supermercado mais e comprar uma hortaliça! Não consigo! Assim, é uma barreira muito grande, a gente tá consumindo... e a ideia mesmo é a gente tirar tudo da terra! Daquela terra pra gente poder sobreviver. A nossa alimentação. Da carne, da verdura, do leite, a gente ainda não chegou nesse patamar, mas o leite também a gente quer poder criar também... pra não ter mais que tomar aquele leite de caixinha...”

Esta foi a resposta de Tânia quando perguntei como a CSA havia influenciado a alimentação dela. Silvano, também agricultor da CSA Paulo Freire e companheiro de Tânia, me deu uma resposta semelhante quando conversamos sobre comida e alimentação e a Ximena respondeu de forma parecida. Estas repetições me conduziram à abstração de quê cultivar e consumir alimentos diversificados muda a relação com a comida por produzir um sentimento de afeto sobre o que foi produzido. Os co-agricultores com quem eu travei diálogos mais profundos disseram que há preocupação com a qualidade da alimentação das famílias dos agricultores, por considerar que não haveria justiça se eles não tivessem acesso ao alimento orgânico e de qualidade que produzem.

Entendi que parte da diversidade alimentar de ambas as CSAs parte da busca por alimentos que não fazem parte do cultivo da agricultura convencional por não serem lucrativos sob a perspectiva da agricultura convencional, mas que por não estarem disponíveis em mercados convencionais acabam sendo desconhecidos do

consumidor, como é o caso do coração de banana, do muricato e do peixinho, por exemplo.

A produção orgânica das CSAs é sazonal. O que é plantado e colhido obedece ao ciclo produtivo daquele alimento e às reações mútuas do ambiente sobre o que é produzido e vice-versa – como o impacto que certos gêneros têm sobre o solo e como alguns alimentos reagem a diferentes variações ambientais. A produção não se conforma a vontade de seus membros, mesmo que aja o interesse em um determinado item e um planejamento minucioso com meses de antecedência, a produção sempre está sujeita a agentes como clima e animais, que não estão sob o controle dos agricultores.

Diferentemente do que acontece em moldes convencionais da agricultura, estes fatores que interferem negativamente nas expectativas da comunidade, os agricultores buscam nela o apoio para melhor lidar com eventuais perdas e frustrações. Os co-agricultores prestam apoio material pelo pagamento do valor fixo das cotas, mesmo que os itens sejam menores ou não existam, e apoiando emocionalmente os agricultores a partir dos laços afetivos comunitários firmados.

O respeito ao ciclo dos alimentos é algo que observei em ambas as CSAs, independente das técnicas utilizadas; não é oferecido nas cestas o que não pôde ser colhido por estar “fora da estação” e aprende-se a se relacionar com os alimentos a partir dessa temporalidade que depende de fatores que fogem ao controle humano. O regime de chuvas pode destruir completamente um canteiro, ou a presença de determinado inseto acabar com algumas mudas, tornando o alimento que seria ali gerado indisponível para consumo, como aconteceu com um canteiro de alfaces na CSA Chácara Bindu pouco antes de meu período de campo, um evento que a Marília me relatou sem esconder a sua decepção pelo trabalho frustrado. Já outro pode ser abundante; de qualquer forma, o que se espera dos participantes da comunidade é que eles se alimentem do que está disponível na cesta.

A qualidade da comida consumida é também muito importante. Uma das participantes da CSA Chácara Bindu, Alice, me falou sobre como gosta de se alimentar do que recebe na CSA porque estaria se alimentando de um alimento de qualidade maior e também de produção local, sem que fosse algo que chegasse de outro Estado, “cheio de veneno e não é fresco, sabe”, foi uma das primeiras coisas

que me disse. Além disso, ela entrega em um balde os restos da cesta, como cascas e outras partes não comestíveis, para que se faça a compostagem, uma prática que nessa CSA estão começando a implantar, e que, segundo ela, completaria o ciclo daquele alimento: ele é entregue, a compostagem é feita e utilizada para fertilizar a terra e produzir comida.

A comida é central nas vivências da CSA Paulo Freire. Em todas elas, que geralmente ocorrem no último domingo de cada mês, a primeira coisa a se fazer é comer. Sempre começávamos pela manhã com um café da manhã feito de alimentos colhidos na chácara, ou então em chácaras vizinhas que também produzem sob o paradigma da agricultura alternativa<sup>50</sup>. Sempre alimentos da estação e colhidos há pouco tempo<sup>51</sup> são servidos. Todos comem juntos, agricultores, co-agricultores e outras pessoas que ali estejam: visitantes, pesquisadores e agricultores que não fazem parte da CSA, mas que estivessem ali trabalhando na chácara ou na cozinha. Um agricultor inclusive falou em uma das vivências sobre como “é bom estarem todos aqui pra comer, é bom ter tanta gente almoçando”; comer, nas vivências, é uma atividade comunitária<sup>52</sup>.

Na CSA Chácara Bindu, durante as entregas de cesta era oferecida pipoca, principalmente para as crianças, filhas de co-agricultores, que frequentam as entregas<sup>53</sup>, uma dessas crianças estava empolgada sobre pegarem cogumelos e o pai me disse, aos risos, que o filho fica mais empolgado em pegar a cesta do que em comer; uma possível nova co-agricultora da CSA Paulo Freire falou sobre como o filho comeu a mandioca que ela recebeu, em uma cesta que serviu de isca, “como se fosse balinha” e ela disse que “não é o mesmo gosto da que vende no mercado, é completamente diferente”.

---

50 Segundo os agricultores que conheci e com quem tive contato mais próximo, a Tânia, o Silvano e a Ivanildes, a produção da região é orgânica e predominam as técnicas da agroecologia. Inclusive estavam preocupados com a possibilidade de um agricultor da região utilizar agrotóxicos, o que preocupou Rosa, uma das co-agricultoras, sobre o risco de contaminação de recursos hídricos e do solo, mas Tânia e Ivanildes falaram que “uma parede de ora-pro-nóbis é o suficiente para nos proteger se tiver alguém fazendo isso”, o conhecimento dessa função da planta é parte do repertório do conhecimento das agricultoras.

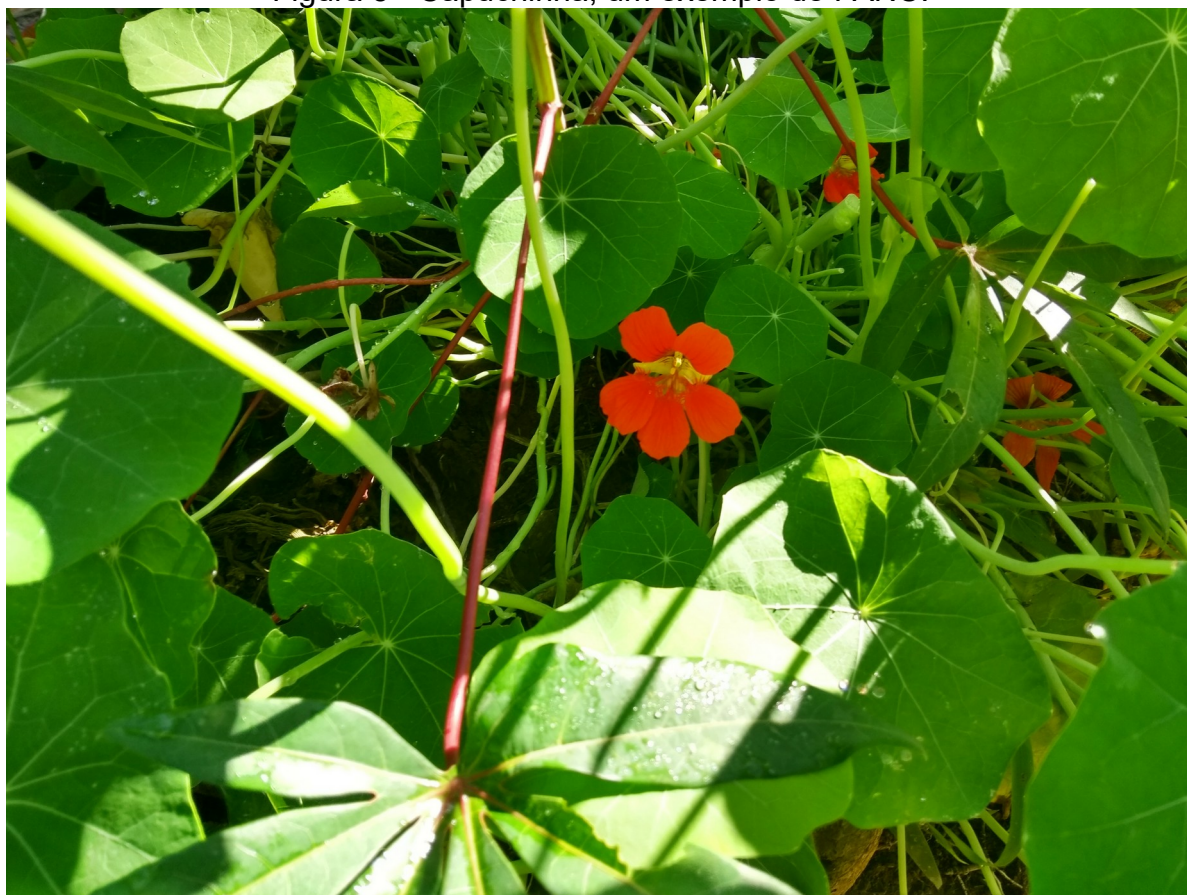
51 Este tempo de colheita recente é definido como semanal, no dia anterior ou no mesmo dia. Este critério temporal é válido tanto para as cestas quanto para a comida servida nas atividades.

52 Segundo Woortmann (2013), a reprodução social ocorre também simbolicamente nos significados sociais do que se come e como se come e na sua análise sobre o caso brasileiro, comer é uma atividade em grupo onde o corpo social é reproduzido.

53 O número de crianças filhas de co-agricultores é maior nesta do que na CSA Paulo Freire.



Figura 5 - Capuchinha, um exemplo de PANC.



A introdução de PANCs, ou plantas alimentícias não convencionais, é também parte do que modifica as relações com a comida e a alimentação. O coração de banana é a PANC que mais me chamou a atenção porque em ambas as CSAs elas são pedidas pelos co-agricultores antes da entrega da cesta e a presença dela sempre provoca perguntas entre os outros co-agricultores sobre como ela é preparada. A introdução de um novo alimento comestível (WOORTMANN, 2013) apresenta novas possibilidades sobre a alimentação que me pareceu provocar reações diversas entre os co-agricultores; alguns pareciam se empolgar com as novas possibilidades, outros já as recebiam com certo receio e pareciam buscar por alguma coisa que fosse familiar naquele alimento, mesmo que a familiaridade não estivesse evidente.

Um dos aspectos interessantes sobre a relação entre a comida e a CSA é a forma como se lida com alimentos que não vem nas cestas, como arroz, feijão,

farinhas, leite, etc. Geralmente são itens da cesta que “se completa” com idas a supermercados e feiras<sup>54</sup>, ou podem haver “pedidos” por certos itens, como ovos, que são obtidos ou a partir da produção familiar do co-agricultor, ou encomendando esses itens com outros agricultores; no caso da CSA Chácara Bindu, os ovos são encomendados com um granjeiro vizinho, os cogumelos são orgânicos e produzidos pelo Edson, amigo de Ximena; e queijos, geleias e doces são encomendados com dois produtores da Serra da Canastra, que produzem também de forma orgânica e artesanal<sup>55</sup>, que já tiveram contato com outras CSAs e não entregam semanalmente devido ao tempo de deslocamento e de preparo<sup>56</sup>.

Na CSA Paulo Freire, os ovos são encomendados dos próprios agricultores, a Tânia e o Silvano, e às vezes complementados com o que vizinhos têm disponível, sendo que os pedidos sempre são feitos durante a semana. Como no assentamento não há apenas a produção para as CSAs<sup>57</sup>, há o incentivo de que os co-agricultores obtenham produtos produzidos lá e comercializados em outros locais, como feiras orgânicas e pela cooperativa local.

A presença de veganos e vegetarianos na CSA Paulo Freire chamou bastante a minha atenção. Sendo uma CSA muito mais recente do que a Chácara Bindu e a entrega de cestas ocorrer nas manhãs de sábado em um local fechado, não é incomum que muitos parem por muito mais tempo do que na outra CSA para conversar sobre como consomem os produtos da cesta<sup>58</sup>. Nas confraternizações e nas vivências, a oferta de comida vegana é sempre incentivada e vários membros são veganos e vegetarianos e alguns co-agricultores me disseram que reduziram o consumo de carne para conseguir comer os itens da cesta e não desperdiçar o que estava ali.

54 Na região em que fica a chácara da CSA Paulo Freire, a comunidade recebeu o convite a conhecer uma feira orgânica da qual alguns produtores da região participam vendendo seus produtos *in natura* e processados (sucos, geleias, doces, etc)

55 Segundo Parpet (2016), produtos de origem artesanal são a representação material de especificidades territoriais e históricas.

56 Conforme me disseram, eles mesmos plantam, colhem, esterilizam os potes e ferramentas, processam os alimentos e trazem da Serra da Canastra para Brasília. O processo todo é artesanal e de acordo com o paradigma da agricultura orgânica, e, por não ser uma produção em larga escala, tudo é pensado de acordo com o número de pedidos feitos.

57 Naquele assentamento as CSAs são exceções, havendo apenas três na região, mesmo que haja interesse de diversos agricultores na formação de outras CSAs.

58 Na CSA Chácara Bindu também há momentos em que os co-agricultores param para conversar, mas geralmente as conversas são sobre outras particularidades da vida deles, como relações de trabalho e familiares. Isso é algo que eu atribuo à antiguidade da Chácara Bindu em relação a Paulo Freire, o que torna mais estável em relação ao fluxo de participantes.

Porém, não associo a presença de comida vegana e vegetariana aos movimentos a favor de dietas vegetarianas que surgiram nos EUA e na Alemanha durante o século XX<sup>59</sup>, porque no caso dos participantes da CSA, mesmo que a alimentação saudável seja uma preocupação em comum, as dietas veganas e vegetarianas não são tratadas como a escolha mais saudável na CSA, e sim como uma escolha política, e no caso dos movimentos nos EUA e na Alemanha, a maior preocupação era com a dieta vegetariana, mesmo que em comum preocupem-se com a proteção da terra (VOGT, 2007).

Além disso, a presença de veganos e vegetarianos nos dias de vivência não influenciava apenas o que era comido e como era preparado, mas gerava diálogos a partir destas diferentes dietas. Em minhas observações, para a Tânia e o Silvano, agricultores da CSA Paulo Freire, e para alguns dos agricultores vizinhos que iam ajudar a CSA nesses dias, eles estão em contato com outra forma de se alimentar a partir de uma nova perspectiva sobre o que é comestível (WOORTMANN, 2013), no qual a carne e derivados passam a não ser mais aceitáveis como alimentos. Mas esta perspectiva não é necessariamente adotada pelos agricultores, mesmo que eles preparem comidas que sejam vegetarianas e veganas para os dias de convivência. Estas comidas são preparadas para o outro, por considerarem diferenças alimentares dentro da mesma comunidade.

Notei isso em uma das convivências na chácara da CSA Paulo Freire. No caminho, duas co-agricultoras conversavam sobre a viagem para um encontro de alimentação vegana do qual elas haviam participado, dos preparos diferentes de alimentos, e até mesmo de comidas que elas desconheciam e que tinham tido o contato. Durante a preparação da comida para o café da manhã, Rosa, co-agricultora, tomou para si a tarefa de preparar na hora comidas veganas enquanto conversava com uma agricultora sobre o que é veganismo e da sua visão sobre os direitos dos animais. Particularmente, não pareceu para mim que a agricultora pretendesse adotar o veganismo em seu estilo de vida, mas estava curiosa em saber o que era e em entender uma escolha de consumo diversa da sua.

Na CSA Chácara Bindu, que é mais antiga, as relações não estão em processo de serem estabelecidas, mas há a manutenção dessa confiança através

---

<sup>59</sup> Vogt (2007) apresenta o desenvolvimento histórico desses dois movimentos, o *Lebensreform* na Alemanha e o *Food Reform* nos EUA.

do convívio entre os membros. Mas estabelecidas não quer dizer que não há conflito nessas relações. Em um dos momentos em que conversei com Marília, ela me falou que assim como ela colhe, cuida dos alimentos com carinho, sempre cumpre as entregas, que a parte do “acordo” dela está feita, e que ela exige dos co-agricultores que respeitem o seu trabalho e a respeitem como pessoa, pois considera que a reciprocidade é fundamental ou então “é qualquer outra coisa menos CSA” e que ela não poderia continuar com a parte dela, se os co-agricultores não cumprirem com a sua.

Outra forma como as dinâmicas de alimentação nas CSAs diferenciam-se da forma como alimentos são adquiridos em supermercados modernos, devido ao contexto no qual se desenvolveu a própria ideia de CSA, e a de mercado de alimentos. Enquanto a primeira se deu relacionada ao desenvolvimento da agricultura alternativa, o desenvolvimento do mercado de alimentos se deu especialmente a partir da emigração e alteração das dinâmicas de trabalho, do surgimento de categorias como “comida da cidade”, a tendência da padronização do consumo mundial, alteração dos produtos consumidos a partir da introdução da mulher no mercado de trabalho formal (MINTZ, 2010) e, a partir dos alimentos compartilhados entre membros da baixa classe rural e da alta classe urbana, em uma relação de reciprocidade que normalmente não ocorreria<sup>60</sup>.

#### 4.2 Porque optar pela CSA e não pelas hortas urbanas?

A ideia das hortas urbanas surge em meio a preocupações com o abastecimento e segurança alimentar das populações urbanas, que apontaram um crescimento exponencial gerador de problemas que não haviam sido previstos pelos planejadores urbanos (AQUINO et. al., 2007) ou que tenham sido resolvidos. A horta urbana teria como objetivo principal o combate ao problema futuro da fome por dificuldades do campo em abastecer as crescentes massas urbanas a partir da criação de hortas dentro dos próprios centros urbanos.

---

60 Esse contato entre classes foi algo que meus colegas, Raoni e Alexandre, do LEEG, apontaram durante reuniões do grupo para análise e discussão do meu diário de campo e dos outros trabalhos produzidos por colegas, e algo que crédito a eles.

A criação destes espaços em zonas urbanas oferece uma solução para estes dilemas, e embora enfrentem dilemas como restrições a acesso à água, a comida que poderia ser produzida nessas zonas, revalorizando-as para produzirem alimentos para autoconsumo (AQUINO et. al., 2007). As hortas urbanas são uma alternativa viável para o contexto em que se enquadram e potencialmente mais interessante para alguns do que as CSAs poderiam ser. Entre aqueles que optaram pela CSA, muitos me falaram sobre os vínculos emocionais que são formados, inclusive por causa da comida, como me disse a Clarissa, co-agricultora da CSA Paulo Freire:

“É, assim, nem conheço tanto assim da vida deles assim, mas... mas fui até a casa deles, fui na casa, fizeram comida pra gente, sabe? Vi aquilo ali, aquilo ali foi no meu primeiro encontro, acho que foi no dia 30 de março, alguma coisa assim, foi... me pegou assim mesmo.”

Figura 6 - Pausa para o almoço durante uma das vivências da CSA Paulo Freire.





#### 4.3 Outras motivações políticas.

Há outras motivações na escolha em se tornar co-agricultor. Ainda em nossa conversa, Clarissa me falou sobre como é diferente da experiência do supermercado, porque ela vê quem produziu, ela pode realmente estar em contato com o agricultor, e era uma de suas principais motivações na escolha em tornar-se co-agricultora:

“[...] o caso eu tô participando de uma CSA que, cujos... cujos agricultores são beneficiados da reforma agrária... isso pra mim, assim, foi maravilhoso porque eu sou partidária da, da reforma agrária eh... sou urbanista também, sou partidária da reforma urbana, então isso me... me, assim... dá uma satisfação muito grande eh... de participar disso, de saber... são pessoas que batalharam, você sabe até né... e isso, me estimula a tudo assim, a procurar com, o que eu vou fazer com a cesta... eu já comecei falando da cesta para várias pessoas, me senti... assim, eu quero fazer... é um sistema muito bacana e queria que isso, quero que isso se expanda, entendeu... então falei pra vários amigos apesar de eu ver... pra mim é uma coisa tão óbvia que nossa, isso aqui é maravilhoso, tenho que participar disso! Pra outras pessoas não é, às vezes só o fato de ter que vir aqui sábado, já tem gente que fala assim: ah, mas tem que ir lá no sábado. Eh... já prefere... assim, amigos que têm capacidade de comprar tudo do Oba eh...”

Guadalupe, co-agricultora da CSA Chácara Bindu, me chamou a atenção para a própria organização do espaço urbano como delimitante do consumo de alimentos orgânicos, tópico que não é objetivo deste trabalho e que merece ser tratado de forma aprofundada em projetos futuros, mas que é indicativo de outra razão pela qual uma CSA pode parecer mais atraente do que uma horta urbana, embora não fosse exatamente sobre isto que ela tenha falado:

“[...] eu acho que a CSA desmistifica que pra consumir pro..., orgânico, que é pra uma classe média, assim, até pra muita gente, que é uma coisa de modinha, é hipster, é não sei quê (risos). Não, eu não acho isso. É muito desconhecimento, porque assim, as feiras livres no geral também costumam ser uma produção de agro-de agricultura familiar... aqui em Brasília eu não vejo muito esse formato de feira livre. Pelo menos na minha cidade de origem, tem muita feira! Eh... até aqui no interior, tem, você vê todo sábado, pelo menos no interior, onde minha família nasceu, todo sábado é dia de feira livre. Você vê que na feira é outro perfil, e eu acho que Brasília ainda tem um apelo muito de supermercado.”

“[...] Eles têm vários bairros e eu moro aqui na Asa Norte, e de fato ia ter que buscar uma dentro da Asa Norte [...] o que é comum a todos é que sejam produtos orgânicos, que sejam circuitos curtos né, a maioria é na... na Brasília e na zona periférica também né. Tanto o Lago Oeste, tem no Guará né, tem em Planaltina. Não é uma coisa que vem lá de outro Estado”. (Guadalupe).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mais importante para entender o que são as CSAs, é compreender seus principais eixos articuladores. A economia solidária manifesta-se na CSA através das redes formadas entre pequenos agricultores familiares e moradores das zonas urbanas próximas, em que estabelecem relações nas quais o lucro não é central, e sim o sustento da produção – que é financiado por uma parcela bem específica da população urbana – como forma da cidade responsabilizar-se pelo campo. A agricultura orgânica é adotada como forma de garantir segurança alimentar para quem consumirá a produção, visto a desconfiança e os problemas gerados pelo uso intensivo de agrotóxicos, simultaneamente protegendo a saúde do trabalhador rural e buscando o equilíbrio ambiental.

As Comunidades que Sustentam a Agricultura têm sido retratadas como o resultado da composição entre os princípios da agricultura alternativa e da economia solidária, o que só é possível por resultar da trajetória histórica da agricultura alternativa. Este modelo de produção e consumo não seria possível sem a virada do movimento da agricultura alternativa na década de 1970, com o desenvolvimento da agroecologia e a inserção da preocupação com a justiça social do mercado internacional de alimentos orgânicos (M. SLIGH; T. CIERPKA, 2007), o que inseriu uma preocupação além das questões sobre as trocas locais, incluindo as trocas globais.

É importante considerar que a agricultura orgânica, mesmo com o seu crescimento global (LOCKERETZ, 2007), não é motivação suficiente para justificar a formação e permanência de uma CSA. E se a preocupação principal da contraparte urbana da comunidade é com a ética de suas práticas de consumo, há maneiras de consumir que não envolvem o comprometimento que uma CSA exige, pois não apenas de relações financeiras ela se constitui, envolvendo ligações que são muitas vezes construídas a partir de afetividade, como observei no carinho que os membros têm entre si, especialmente as demonstrações de carinho para com as preocupações e dilemas dos agricultores, que é retribuída pelos agricultores da mesma forma.



Esta monografia evidencia que não apenas são estas as razões mobilizadas pelas pessoas para adesão às CSAs. Outras motivações presentes são o apoio à reforma agrária, presente e evidente nas falas de diversos co-agricultores, as relações de afeto e confiança que são firmadas com os produtores, o contato com as etapas da produção agrícola e as relações de significados estabelecidas com o alimento distribuído.

Alguns modos de interação social que ocorrem nestas instituições são evidentes nas ferramentas adotadas para a comunicação interna da comunidade, em como a reciprocidade entre membros é determinante de suas respectivas obrigações para com a comunidade além de evidenciar seus papéis sociais a partir das categorias nas quais estão inseridos, de co-agricultor e agricultor. A relação estabelecida entre os membros da CSA é simultaneamente recíproca, obrigatória e afetiva.

Isto não significa que estas relações anulam dinâmicas de poder ou que quaisquer diferenças sejam anuladas porque agora seus membros estão isentos de outras identidades e relações existentes antes que as da comunidade surgissem. A comunidade é formada por pessoas inseridas em sociabilidades rurais e urbanas e este já é um divisor pela relação de poder que veio a se constituir e estabeleceu a hierarquia moderna entre ambas (FOLLADOR, 2004) e quem pode fazer parte da CSA, pelo menos seus participantes urbanos, são aqueles que possuem renda para financiar e tempo para as atividades que a envolvem<sup>61</sup>.

E embora a nomenclatura “orgânico” seja controversa por sua multiplicidade de significados, a produção orgânica não implica obrigatoriamente a dissociação entre a mentalidade produtiva orientada ao lucro. A CSA é uma maneira de manter a produção orgânica e, por uma diferente visão do objetivo econômico da produção, desviar-se desta mentalidade, que acaba por levar a conduta de domínio da natureza através da intervenção nela (DULLEY, 2003).

---

61 Refletindo sobre os co-agricultores com quem tive contato, concluo que o tempo como fator determinante da entrada (ou não) e da permanência nas CSAs não é o fator mais decisivo, mas definitivamente é influente, pois há a expectativa da presença do maior número possível de membros durante atividades como as vivências, que nem sempre é possível por motivos que variam desde a localização das chácaras, até problemas familiares e conflitos de agenda.

As CSAs são, à semelhança da economia solidária, indicativas da verdadeira diversidade econômica que o discurso da hegemonia de uma só forma econômica tenta esconder, especialmente considerando a centralidade do capitalismo para sociedades modernas (GIDDENS, 1991). A modernidade, que se pretende totalizante, aparenta apagar todas as outras formas de existir e estar, sobretudo no que se refere ao consumo e a produção (GIDDENS, 1991).

É nesse aspecto que as CSAs representam uma forma de contramovimento (ECKERT, 2016), por não apenas teorizarem, mas organizarem-se materialmente na aplicação de ideais contrárias às ideias dominantes que reestruturaram a agricultura tradicional no formato pretendido pela expansão industrial ao campo (ALTIERI, 2012).

A atribuição da responsabilidade de sustentar a agricultura orgânica familiar à contraparte urbana, uma ação que pode ser lida como uma forma de justiça social, ou pode, a partir de uma perspectiva mais pessimista, ser interpretada como uma atitude de tutela. Particularmente, interpreto esta relação como uma forma de busca por maior justiça social a partir do entendimento que os membros urbanos da comunidade financiam o trabalho dos agricultores porque há um sentido de reciprocidade nesta ação: os agricultores sustentam a alimentação dos co-agricultores, que, de sua parte, sustentam a produção porque a financiam. E essa é construída a partir da confiança mútua e de uma ligação com a comida que parte da potencialidade do alimento em se transformar em comida.

As CSAs que me acolheram em campo são diferentes entre si porque suas trajetórias e dinâmicas marcam suas diferenças, mas suas ideologias são semelhantes. Isto reforça que as CSAs se instituem não porque uma mesma forma de funcionamento é a ideal ou mais otimizada para que todas as CSAs se encaixem, e sim porque é a diversidade de composições possíveis para uma comunidade que se estabelece a partir do que é essencial para os membros que compõem esta comunidade, não para convenções preestabelecidas que determinem o melhor jeito de instituir uma CSA.

A melhor maneira de ordenamento de uma comunidade que sustenta a agricultura é orientada às pessoas e por isso diversidade estrutural entre as próprias

CSAs não pode ser atribuída a um indicativo de desordem ou mesmo que por não existir um único modelo, não pode ser implantado por não ser possível uma otimização deste. As diferentes maneiras de se organizar quanto CSA revelam que diferentes formas de organização de consumo e produção são possíveis e podem existir simultaneamente mesmo que não interajam diretamente entre si.

Estas diferentes maneiras de se organizar não anulam as semelhanças entre as categorias de agentes sociais que as constituem: são co-agricultores (ou colaboradores) e agricultores. O clima é o agente não-humano imprevisível que mais interfere diretamente com as expectativas dos membros da comunidade e exige soluções criativas para lidar com as suas variações.

As ações que constituem a CSA revelam tanto sua estrutura quanto o que é feito para sua manutenção. As pessoas que constroem a comunidade são muitas vezes próximas ou já conhecidas, a distribuição é planejada e executada considerando as necessidades comunitárias e pode ser organizada inclusive em diversos pontos de entrega, como evidenciado no terceiro capítulo deste trabalho. As conversas e vivências manifestam os pontos em comum sobre alimentação, consumo e afetividade que unem a comunidade. A reciprocidade, por fim, marca os respectivos papéis sociais de cada integrante da CSA e torna cíclica as relações e práticas que a instituem. A agricultura orgânica e a economia solidária, mesmo sendo os eixos primários a estruturar a instituição das CSAs, não é em si suficiente para a sua manutenção, são as relações e as ações cotidianas as responsáveis pelo fortalecimento dos laços comunitários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGONI, L.; PELAEZ, V. (2007). Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? *Revista de Economia*, 33(1), p. 31-53.

ALTIERI, M. (2012) Agroecologia, Agricultura Camponesa e Soberania Alimentar. *Revista Nera*, 0(16), p. 22-32.

ALVES, M. O.; Burstzyn, M. (2009). Raízes e prática de economia solidária: articulando economia plural e dádiva numa experiência do Ceará. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, 2009, 40(3), p. 587-603.

AMORIM, J. (2018) Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) em São Paulo e Agricultura Solidária (SoLaWi) na Alemanha: Construindo Indicadores Sociais, Econômicos e Ambientais. Dissertação, Universidade Federal de São Carlos, 136 p.

AQUINO, A. M.; Assis, R. L. De. (2007) Agricultura Orgânica em Áreas Periurbanas com Base na Agroecologia. *Ambiente e Sociedade*, X(1), p. 137-150.

BARCELLOS, G. H. (2013) Mulheres e lutas socioambientais: as intersecções entre o global e o local. *Revista Katálisis*, 16(2), p. 214-222.

BUAINAIN, A. M. (2006). Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: questões para debate. Brasília, IICA, vol. 5, 136 p.

DOUGLAS, M. (1998) Estilos de Pensar. Ensayos críticos sobre el buen gusto. Editora Lugar. 1998, 220 p.

DULLEY, R. D. (2003). Agricultura orgânica, biodinâmica, natural, agroecológica ou ecológica? *Informações Econômicas*, 33(10), 96-99.

ECKERT, D. (2016). A Mercantilização em Contramovimento: Relações de Reciprocidade e Coesão Social na Agricultura Sustentada pela Comunidade em Minas Gerais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 235 p.

FERREIRA NETO, D., NERY; AMORIM, J. O. de L.; MOLINA A. de A.; TORUNSKI, F. (2015) Financiamento da produção agroecológica a partir do modelo da CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura: um panorama no estado de São Paulo. IX Congresso Brasileiro de Agroecologia.

FREITAS, M. do C. S. de. (2003) *Agonia da Fome*. EDUFBA, FIOCRUZ, 281 p.

FOLLADOR, KAREN K. (2004). A mulher na agricultura orgânica e novas ruralidades. *Revista Estudos Feministas*, 12(1), p. 302-320.

GAIGER, LUIZ INÁCIO. (2007). *A outra racionalidade da economia solidária. Conclusões do primeiro Mapeamento Nacional no Brasil*. *Revista Crítica de Ciências Sociais* n. 79. p. 57-77.

GEIER, B.; KALLANDER, I.; LAMPKIN, N.; PADEL, S.; SLIGH, M.; NIGGLI, U.; VOGt, G.; W. LOCKERETZ. (2007) A Look Towards the Future. In: *LOCKERETZ, W. (org.). Organic Farming: An International History*, p. 264-274.

GEERTZ, C. (1963) *Agricultural Involution: The Process of Ecological Change in Indonesia*. University of California, 176 p.

GIDDENS, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo. Editora UNESP, 156 p.

LOCKERETZ, W. (2007). What Explains the Rise of Organic Farming? In: *LOCKERETZ, W. (org.). (2007) Organic Farming: An International History*, p. 01-08.

MATOS, A. K. V. de. (2010) Green Revolution, Biotechnology and Alternative Technologies. *Cadernos da FUCAMP*, 10(12), p. 01-17.

MAUSS, MARCEL. 1923-1924 (2003). Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. *Sociologia e antropologia*, p. 193-314. São Paulo: Cosac Naify.

MINTZ, S. W. (2001). Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(47), p. 31-41.

MICARONI, R. C. Da C. M.; BUENO, M. I. M. S; JARDIM, W. de F. (2000). Compostos de mercúrio. Revisão de métodos de determinação, tratamento e descarte. *Química Nova*, 23(4), p. 487-495.

NIGGLI, U. (2007) The Evolution of Organic Practice. In: LOCKERETZ, W. (org.) (2007). *Organic Farming: An International History*, p. 73-92.

OCTAVIANO, C. (2010). Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde. *ComCiência*. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt)>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

PADEL, S.; LAMPKIN, N. (2007). The Development of Governmental Support for Organic Farming in Europe. In: LOCKERETZ, W. (org.). (2007). *Organic Farming: An International History*, p. 93-122.

PARPET, M. F. G. (2016) Patrimonialização de produtos alimentícios na França: construções simbólicas e reinvenções do passado. In: WOORTMANN, E. & CAVIGNAC, J. (2016). *Ensaio sobre a Antropologia da Alimentação: saberes, dinâmicas e patrimônios*, p. 493-542

PENEIREIRO, F. M. (2002) Fundamentos da agroflorestal sucessional. *IV CBSAF Ilhéus/BA*, p. 01-08.

RODRIGUES, E. R.; CULLEN, L. J.; MOSCOGLIATO, A. V.; BELTRAME, T. P. (2008). O Uso do Sistema Agroflorestal Taungya na Restauração de Florestas Legais: Indicadores Econômicos. *Floresta*, 38(3), p. 517-525.

SCIALABBA, N. EL-HAGE. Foreword. (2007) In: LOCKERETZ, W. (org.) (2007). *Organic Farming: An International History*, 2007, p. ix-xi.

SILVA, N. C. DA. (2014) Culinária e Alimentação em Gilberto Freyre: Raça, Identidade e Modernidade. *Latin America Research Review*, 2014, 49(3), p. 03-22.

SLIGH, M.; CIERPKA, T. (2007) Organic Values. In: LOCKERETZ, W. (org.). (2007). *Organic Farming: An International History*, 2007, p. 30-39.

TEIKEI system, the producer-consumer co-partnership and the Movement of the Japan Organic Agriculture Association. 19-22 agosto 1993, Hanno, Saitama, Japão. Disponível em <<http://www.joaa.net/english/teikei.htm>>. Acesso em: 12 novembro de 2019.

TIBURTINO, L. A.; CARDOSO, R. C.; NARCISA-OLIVEIRA, J.; MACIEL, J. de C. (2018). A Experiência da CSA – Comunidade que Sustenta a Agricultura como Fator Promotor de Desenvolvimento Local – Revisão. *Cadernos de Agroecologia*, 13, p. 01-09.

TORRES, C. L. (2017) Comunidade que Sustenta a Agricultura: a Replicação da Tecnologia Social a partir dos Casos Pioneiros em Brasília. Dissertação. Universidade de Brasília. 108 p.

UNESCO Series on *Women in African History. Wangai and The Green Belt Movement* (2014). Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230122>>. Acesso em: 01 outubro, 2019.

VOGT, G. (2007) The Origins of Organic Farming. In: LOCKERETZ, W. (org.). *Organic Farming: An International History*, 2007, p. 9-29.

WOORTMANN, E. F. (2013). A comida como linguagem. *Habitus*, 2013, 11(1), p. 05-17.